

The Project Gutenberg eBook of *Aquela Família: Tipos, caricaturas e episódios provincianos*, by Ladislau Patrício

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: *Aquela Família: Tipos, caricaturas e episódios provincianos*

Author: Ladislau Patrício

Release Date: October 7, 2010 [EBook #34039]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Mike Silva

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK *AQUELA FAMÍLIA: TIPOS, CARICATURAS E EPISÓDIOS PROVINCIANOS* ***

Ladislau Patrício

Aquela família...

(Tipos, caricaturas e episódios provincianos)

1914—COIMBRA
MOURA MARQUES
Livreiro editor
19, Largo Miguel Bombarda, 25

TIPOGRAFIA PROGRESSO
DE DOMINGOS AUGUSTO DA SILVA
Rua Dr. Souza Viterbo, 91
Porto—1914

{2}

Ladislau Patrício

{3}

Aquela família...

(Tipos, caricaturas e episódios provincianos)

1914—COIMBRA

MOURA MARQUES

Livreiro editor

19, Largo Miguel Bombarda, 25

Aquela família...

{4}

{5}

Aquela família...

{6}

{7}

A PRINCÍPIO eu ia só, numa carruagem de *segunda*, o que me permitia desfrutar o panorama e gozar uma relativa comodidade. Mas mais adiante, numa estação qualquer, mal o comboio parou, a portinhola abriu-se e o meu compartimento foi invadido de assalto por uma família inteira que atravancava tudo: rédes, bancos, o menor espaço disponível, com malas, embrulhos e cestinhos,—uma infinidade de volumes!

O chefe do rancho era um homem nédio, sanguíneo, que rebocava uma senhora pesada (onde eu adivinhei a espôsa) e mais duas raparigas e um garoto, de marinheiro, magrinho, linfático e triste.

Auxiliei-os. Fiz menção de ajudar as damas a subir. E quando a máquina apitou e o trem se pôs em marcha com um ranger de molas e de engates, ainda nós todos dispúnhamos a bagagem

{8}

amontoada nas proporções dum Himalaia.

Agradeceram, muito penhorados; e depois de instalados convenientemente, o dono de tudo aquilo, que limpava com um lenço enorme as bagas de suor, pediu-me licença para tirar o casaco e envergar o guarda-pó.

—Parece que estamos no Congo! justificou. Este calor está mesmo a exigir tanga...

Eu sorri, relanceando um olhar às donzelas, que sorriram também, ruborizadas, daquela ideia africana do papá. E êste, farejando em mim uma índole comunicativa, inquiriu satisfeito:

—O cavalheiro vem de Lisboa?

—Não senhor. Eu sou da Beira.

—Da Beira!... Então é de Vizeu?

Sorri de novo, discretamente, respeitando as noções corográficas do viajante simplório, que o acaso colocára assim na minha presença. {9}

Apressei-me por isso a confirmar:

—Sou de Vizeu...

—Nesse caso conhece lá o Gastão?

—O Gastão?!

—Sim, o Gastão Vieira, dos Impostos.

Achei divertido conhecer o Gastão. Recordei-me:

—Ora se conheço! Estou doido! Conheço perfeitamente...

Mas depressa caí em mim, reflecti que podia ser colhido na mentira. Foi, portanto, para eximir-me a perguntas que ferviam já nos lábios do companheiro que eu perguntei do meu lado:

—E V. Ex.^a? V. Ex.^a é daqui destes sitios?

—Sim senhor. Mas agora vamos para banhos. Isto que o sr. aqui vê (com um gesto circular indicava a família) pertence-me. O rapaz é fraquito, tem escrófulas (apontava o pescoço do fedelho) olhe!—Dizia-me o dr. Maia... Conhece?

Declarei que não.

—Pois admira... Espere, agora me lembro: deve conhecer. Êle até costuma ir muito a Vizeu. É irmão do padre Levi, Levi da Maia, duma família muito ilustre que tem uma irmã viscondessa. O sr. conhece com certeza... {10}

E como eu insistisse na negativa:

—O padre Levi, homem! o que escreve no *Vouga*... Não conhece o senhor outra coisa!

Tive de lhe dizer que sim.

Havia-me insinuado já no ânimo duma das meninas com quem entretinha desde a última estação um namôro matreiro: e apontava-lhe como flechas os olhos amorudos, dardejando-me ela os seus, redondinhos, negros, sertanejos...

—Pois o dr. Maia,—tornava o pai—dizia-me muita vez: «Alves, leve você o rapaz ao mar; leve você o rapaz ao mar que se cura.»—Mas ó doutor, veja lá, tenho agora tantos afazeres (e tinha) se o rapaz fôsse coisa que se pudesse aí endireitar, que demónio, tomando umas drogas...«—Não, não, sem banhos não se põe direito.»—Que havia eu de fazer? Que fazia o senhor nas minhas condições? {11}

Esperou resposta; e como lha não desse:

—Saía, não é verdade?

—Pois claro!

—Foi o que eu fiz. Mando arranjar as malas, tranco a porta, meto toda esta tropa no comboio... e cá vamos!

—Faz muito bem.

—Acha?...—poisava a sua mão sapuda na minha côxa, todo familiar.—Acha então o cavalheiro que faço bem?...

—Mas isso nem se pergunta! aplaudi sem reservas.—Mesmo que não houvesse precisão, que infelizmente há; bastava só a ideia de irem gozar!

—Gozar! Mas olhe que se gasta um dinheirão!

—Pois gasta. E isso que tem? A gente não vive só do que mete no estômago. É preciso ver, dar de comer aos olhos.

—Dar de comer a quê?

—Aos olhos...

—Huum! mugiu.

Não percebêra. Suava com o calor, nas fontes, nas bochechas, mórmente nos refêgos do cachaço, duma grande riquêsa de tecidos celulares... {12}

Entrou depois a divagar sôbre economias expondo-me numa franqueza saloia o orçamento da viagem; e tentou por último explicar pela hereditariedade a compleição mórbida do filho:

—Isto é de familia! O avô dêle, meu pai, também assim era: sempre doente, sempre com remédios. Mas a avó, é curioso! robusta, còrada, parecendo que vendia saúde... Eu, aonde me vê, nunca tive uma dôr de cabeça! Mas já um tio que nos morreu há três anos...—Voltou-se para uma das filhas:—O tio Aristides...

—Ah!

E relatou o que era êsse tio, com os seus achaques, suas mazelas, seus unguentos e seus tumores supurativos, em salvo lugar...

Alves dispunha-se em suma a fazer-me seguir todas as ramificações patológicas da sua ascendência! Passei a não lhe responder, dizendo-lhe a tudo *que sim*, com a cabeça.

E a rapariga, de lá, muito meiga... {13}

No meio desta felicidade, porém, a certa altura—na altura de Ovar—passou-se um episódio triste, de que fui vítima, o qual produziu profundo desgosto em todos nós. Fôra o caso que, sobranceira ao meu lugar, ia uma cesta; senão quando, aí se põe ela a mijar sôbre mim, no meu chapéu mole, qualquer gorduroso líquido em fio... Ergo-me dum pulo. Houve um alvoroço no compartimento. Alves gritou: «oh, demónio! oh, demónio!»

Entretanto alguém explicava que tinha sido o mólho do peixe que se entornára...

O mólho do peixe!

Eu tinha então já tirado o meu chapéu e olhava desolado a nódoa negra, enorme, que alastrava, se embebia no feltro da aba, inutilizando-o sem remédio!

Côro de lamentações e desculpas:

—Ora esta!

—Uma assim!

—Só a nós é que acontece...

E de coração alanceado, com ancias de espancar aquela gente bárbara, eu ainda ganhei fôrças para lhes dizer: {14}

—Não faz mal; não se incomodem. Até tem graça! Pelo amor de Deus!...

Ocorreu todavia aqui uma coisa galante que me cativou: essa das duas meninas que me havia já endoidado o coração, num movimento impulsivo e no mais aceso da balbúrdia que se estabelecêra, tira do seio o lencinho de assoar e veio enxugar com êle a nódoa indelével.

Esquivei-me desvanecido:

—Oh, minha senhora...

E com o lenço enrolado à laia de esponja, ela ia chupando, chupando...

—Se calhar era novo...—disse-me, a meia-voz.

Respondi:

—Era novo.

—E bom?

Fiz um gesto de grandeza:

—Dezoito tostoes!

Alves voltou-se espantado para a espôsa, que segredou a importância a outra filha, a quem o irmãozinho—que viera à janela do vagom a ver a máquina—pedia choramigando e arregalando um dos olhos que lhe tirasse um *algueiro*...

{15}

Daí a momentos o comboio parava:

—Espinho!

Era a estação onde êles se apeavam. Alves foi o primeiro a levantar-se; tirou a carteira e entregando-me um bilhete ofereceu-me os seus «fracos préstimos», pedindo mais uma vez desculpa do desastre. As senhoras cumprimentaram igualmente e quiseram também que eu as desculpasse. Eu desculpei-as. E a mãozinha da minha efêmera namorada, ao despedir-se, tremia como um passarinho, quando lha apertei numa pressão significativa. Segui-a com a vista até desaparecer pela porta da estação; e numa derradeira vez que ela se voltou a olhar-me, não sei, mas ia jurar que lhe vi lágrimas...

Encostei-me então a um canto, sorumbático, a fumar. O meu espírito oscilava como um pêndulo entre a suave lembrança daquela trigueira (eu ainda lhes não disse que ela era trigueira) e a ideia negra do meu chapéu manchado. Ambos perdidos já agora para mim! ambos, pela força do Destino! Pela distância que ia separar-me dela para não mais talvez a tornar a ver; pela mácula que dêle me apartava para nunca mais porventura o poder usar!

{16}

Encarava eu filosoficamente a situação por êste lado, quando á janela do compartimento assomou de novo o focinho do Alves, a farejar-me, a dizer:

—V. Ex.^a faz-me um obséquio? Não se esquece, quando regressar a Vizeu, de me recomendar muito ao meu amigo Gastão. Eu, também, quando lhe escrever, hei-de falar muito de V. Ex.^a e da simpatia que nos inspirou a todos. Criado de V. Ex.^a...

Ouviram-se os sinais da partida. Estendemos as mãos cordialmente; e ao pôr-se o comboio em andamento, Alves, com a minha dextra apertada, lembrou:

—Ah! E que lá recebi as pêras... Diga-lhe também isso, sim? Deliciosas! Deliciosas!

Corria junto da carruagem, ao longo da *gare*, gritando ainda a plenos pulmões:

—Deliciosas!

{17}

A bôca do sapo

{18}

A bôca do sapo

{19}

Interior caseiro, modestamente mobilado. CARLOS e MARIA CELESTE conversam sentados, junto duma mēsa. A voz dêle tem um timbre imperativo e enérgico; a dela é aveludada, melodiosa, humilde.

Tarde de novembro. Ameaça chover.

CARLOS

COMPREENDES que me seria muito desagradável que alguém soubesse o que tem havido entre nós...

MARIA CELESTE, *como se despertasse*:

Ah!... o que tem havido...

CARLOS

Ou o que possa porventura haver ainda... Porque eu, apesar do que vai acontecer, não quero romper contigo duma maneira absoluta. Não se vive impunemente três anos com uma mulher. És uma rapariga de coração—não to digo para que mo agradeças; e sinto que não devo abandonar-te...

{20}

MARIA CELESTE

Não, Carlos, enganas-te; eu nunca mais serei tua, haja o que houver. Nunca mais!

CARLOS

Endoidecêste?!

MARIA CELESTE

Creio que não endoideci. Vamos separar-nos, hoje, por toda a vida. Se alguma vez nos encontrarmos já não serás o mesmo homem... nem eu a mesma mulher. Não nos conheceremos.

CARLOS

Ora! ora!

MARIA CELESTE

Afirmo-to!

{21}

CARLOS

Terás essa coragem?!

MARIA CELESTE

Se terei essa coragem!...

CARLOS, após uns momentos de reflexão, conciliador.

Bem, não compliquemos as coisas: deixa-te de criancices.

MARIA CELESTE

Criancices?!

CARLOS

Decerto. Não consegues convencer-me que essa tua resolução seja inabalável.

MARIA CELESTE

Verás.

CARLOS

Ou nunca me tiveste amor.

{22}

MARIA CELESTE

Seja: nunca te tive amor...

CARLOS, apreensivo:

E talvez. Se fosses minha amiga não te resignavas facilmente a perder-me. Havia de custar-te a suportar um abandono, quanto mais...

MARIA CELESTE

Por isso mesmo,—porque sou tua amiga...

CARLOS

Palavras...

MARIA CELESTE

Não quero tornar-me um fardo para ti.

CARLOS, que principia a indignar-se:

Palavras! Palavras!

{23}

Faz-se silêncio. Os dois ficam absortos, sem se olharem.

CARLOS, com uma serenidade forçada, momentos depois:

Não queres certamente atribuir-me a responsabilidade do que sucedeu...

MARIA CELESTE

Nem tenho êsse direito.

CARLOS

Sabes muito bem como as coisas se passaram.

MARIA CELESTE

Sei.

CARLOS

Não ignoravas que um dia eu havia de me casar.

MARIA CELESTE

Não ignorava.

{24}

CARLOS

Tive a franqueza, a lialdade de to confessar muito antes de me pertenceres.

MARIA CELESTE

Tiveste.

CARLOS

Tentei até por varios meios evitar a tua falta. Lembra-te que fôste minha por tua livre e espontânea vontade!

MARIA CELESTE

Lembro, lembro...

CARLOS

O teu acto foi, portanto, premeditado...

MARIA CELESTE

Pois foi.

CARLOS

Não representa o cego impulso dum momento de paixão que eu ateasse, com a mira numa conquista. Eu disse-te: «Maria Celeste, pensa, reflecte, olha o que te póde suceder... esquece-me». É isto verdade?

{25}

MARIA CELESTE

É.

CARLOS

Só tu fôste nêsse caso responsável. Fôste tu que assim o quiseste...

MARIA CELESTE

Fui eu que assim o quis.

CARLOS

Pois bem. E agora, quando podia abandonar-te sem remorsos, apenas com a amarga saùdade do que tens sido para mim; e que venho oferecer-te, desinteressadamente, a promessa de continuar a ser para ti um amigo, um protector... alguém...

{26}

MARIA CELESTE, *com tristeza:*

Alguêm!...

CARLOS

Sim! E repeles-me, afastas-me como se eu fôsse o pior, o mais grosseiro, o mais indigno dos homens!

MARIA CELESTE

Carlos!

CARLOS, *fóra de si:*

Oh! a ingratidão!... A ingratidão!

MARIA CELESTE cala-se, sucumbida. Os olhos arrasam-se-lhe de lágrimas; e ficam assim os dois

numa nervosa hostilidade, éle a passear na sala, resmungando censuras, e ela chorando, muda e convulsivamente, sôbre o lenço molhado.

MARIA CELESTE, *dominando a comoção:*

Não quero que me consideres uma despeitada. Justifico a tua cólera, as palavras severas que me diriges, tudo, enfim, porque te compreendo... porque te estimo. Ainda bem que reconheces que eu não fui para ti uma amante vulgar. E não fui. Amei-te com um amor verdadeiro, livre, sem condições. É certo que me aconselhaste, que me preveniste a tempo, mas... de que servia? Só quem não ama sabe interpretar conselhos e ouvir razões... Quantas vezes, comigo, no isolamento do meu quarto, calculei a profundidade do abismo em que cairia se me deixasse levar pelo coração. Pobre de mim! Mil vezes deliberei não te receber, mil vezes não te falar mais, nunca mais! Mas apenas subias aquelas escadas e ouvia o ruído dos teus passos... oh! então, o meu juízo turbava-se, as minhas mãos arrefeciam, a minha alma, o meu corpo, a minha vida inteira, fugiam para ti! E pensava: é o Destino...—Uma tarde, uma noite, sabes bem o que se passou... Era o céu, era a felicidade que se me deparava. Sabia que isto não podia durar sempre, que tudo acabaria depressa... que havias de te casar: tu disséras-mo!... Mas achava-me tão bem, tão contente de viver assim, que não pensava, não queria pensar que essa hora amarga chegaria breve! (*Comovida:*) O que me prendeu a ti, sobretudo, foi a tua franqueza, êsse mixto de compaixão e indiferença que por mim professavas, os melindres da tua consciência, a previsão do que poderia resultar, na certeza de lhe não dares remédio... Tudo isso me tentou, me seduziu como uma coisa terrível que se teme—e que irresistivelmente nos atrai... {27}

CARLOS, *condóido:*

Fui para ti—pobre dòninha inconsciente e louca!—uma espécie de bôca do sapo, queres dizer... {28}

MARIA CELESTE

Fôste o meu único, o meu exclusivo amor na vida! (*Fita-o nos olhos penetrantemente*). Anda, diz'-me lá se isto não é assim, se isto não é verdade?!...

CARLOS, *impressionado:*

Ouve-me, Maria Celeste, escuta... {29}

MARIA CELESTE

Não, não! não posso... não teimes.

CARLOS

Sê razoável...

MARIA CELESTE

Não teimes. Quero conservar-me sempre digna de ti.

Há um silêncio concentrado.

CARLOS, *numa ideia repentina:*

E se eu desistisse de casar? Ou antes, se te dissesse para casares comigo?...

Olha-a com ansiedade.

MARIA CELESTE, *resolutamente:*

Não aceitaria.

CARLOS

Quê!?

MARIA CELESTE

Não aceitaria. Pelas cinzas de minha mãe, acredita! {30}

CARLOS, *abismado:*

E porquê?!

MARIA CELESTE

Porquê?...

CARLOS

Sim.

MARIA CELESTE

Porque tens uma noiva, porque empenhaste a tua palavra. Depois...

CARLOS

Depois...

MARIA CELESTE

Porque me não amas, Carlos...

{31}

CARLOS

Mentes!

MARIA CELESTE

Como queiras... (*Pausa*) Eu fui para ti apenas isto: uma pobre rapariga que te interessou: uma curiosidade, uma aventura...

CARLOS

Uma aventura! Mas devo-te o que não devo a ninguém!

MARIA CELESTE

?!

CARLOS

A tua honra. Déste-me a tua honra!

MARIA CELESTE, *com simplicidade:*

Pois nada mais tenho que te dar...

CARLOS

Como dizes isso!

{32}

MARIA CELESTE

Digo o que sinto.

CARLOS, *depois duma longa pausa:*

E que has-de fazer agora? Queres continuar a viver como vivias?

MARIA CELESTE, *encolhendo os ombros:*

Sei lá!...

CARLOS

Podias ter sido feliz com outro homem...

MARIA CELESTE, *convictamente:*

Não o podia ser com mais ninguém.

CARLOS

Sacrifício inutil...

MARIA CELESTE

Não há sacrifícios inúteis neste mundo, meu amigo... Demais, tu foste para mim o que tinhas de ser... Não és culpado do meu infortúnio. Estou satisfeita, crê,—recompensada. (*Tentando convencê-lo*): Tu não fizeste mais do que aproveitar uma mulher que se te oferecia...

{33}

CARLOS, *enternecido, toma-lhe as mãos, que beija:*

És uma santa! (*Com uma infinita saúdade a transparecer-lhe na voz*) E lembrar-me que amanhã tenho de deixar-te!...

MARIA CELESTE

Paciência...

CARLOS

... que nunca mais tornarei a ver-te! que nunca mais porei aqui os pés em tua casa!

MARIA CELESTE

Nunca.

CARLOS

Nem que um dia precise de ti?

{34}

MARIA CELESTE

Nem que um dia precisés de mim.

CARLOS

É o fim de tudo, visto isso?

MARIA CELESTE

De tudo.

CARLOS, num movimento impulsivo, de protesto:

Não, Maria Celeste, não é! Renuncia a êsses teus propositos. Eu não posso, não quero deixar-te.

MARIA CELESTE, incrédula:

Não queres...

CARLOS

Não quero. Duvidas?

{35}

MARIA CELESTE

Duvido. O que te impressiona agora é a minha presença. Quando saíres daqui tudo se desvanecerá como fumo...

CARLOS, sucumbido:

Tudo se desvanecerá!

MARIA CELESTE

Sim. Repara que eu fui para ti simplesmente—uma amante...

CARLOS

E então?

MARIA CELESTE

Acabou tudo neste dia em que começo a tornar-me um embaraço para a tua felicidade...

CARLOS

Maria Celeste: juro-te!

{36}

MARIA CELESTE

Não jures. Tu no fundo sentes isto mesmo, mas não tens coragem de mo dizer... És bom, tens dó de mim. Mas nem todo o teu dó, nem toda a tua bondade conseguem dar-me a ilusão de que sou amada!...

A que horas partes amanhã?...

{37}

Sr. Anselmo

(Perfil grotesco dum provinciano ilustre)

(1906)

Sr. Anselmo**(Perfil grotesco dum provinciano ilustre)****(1906)****I**

N ASCI em 74—eu, Teotónio Mendes, de muito boa família.

Tenho, portanto, actualmente (1906) trinta e dois anos.

A minha vila fica entre serras, na vertente dum vale, e o calor ali aperta sempre muito.

Naquele verão sobretudo (eu não sei se os senhores estão bem lembrados) no verão a que se referem êstes acontecimentos, mal se respirava. As fontes secaram; a vegetação, sequiosa, sufocava sob ardentes nuvens de poeira, e as pedras nos caminhos quase estalavam com o sol.

{40}

Horrível!

Ha quatro mêses que não chovia. Moviam-se préces ao Altíssimo, celebravam-se procissões, missas—*ad petendam pluviam*—mas do céu afoqueado e sêco... nem pinga!

Cumulus de trovoadas, no horisonte longínquo, relampejavam em noites caladas, logo desaparecendo varridos dum bafo mórno de canículas.

Dizia-se, farejando as alturas:

—Isto é que vai ser! isto é que vai ser!

Os dias sucediam-se no emtanto ronceiros, bocejados, com um firmamento implacável, de bronze, e a aflição da terra calcinada e triste.

O termómetro de Anselmo continuava a marcar muitos graus. Êste Anselmo, farmaceutico, grande influente político na localidade, era com efeito uma figura curiosa e típica. Inteligente, astuto, conhecido árbitro em questões de pêso, dava as leis e orientava a mentalidade sertanêja da vilota.

Mesmo os mais orgulhosos e independentes, senhores do seu nariz, sofriam a sugestão infalível daquela poderosa vontade.

{41}

—Ali, na Turquia...—dizia por exemplo êle.

E tinha a gente a impressão de que a Turquia era ali mesmo, a dois passos, que podíamos lá chegar se quiséssemos,—a pé!

Anselmo todavia nunca viajára. Perdão! foi uma vez a Lisboa por três dias, e viu a Galvâni no Coliseu.

—Que tal? perguntaram-lhe, quando voltou.

—Um rouxinol!

Já essa noite no club, o fidalgo da Véla, homem na verdade muito entendido de música, recomendava:

—É preciso ir a Lisboa... à Galvâni. Diz o Anselmo que é um rouxinol.

Geradas nas bitesgas do seu cérebro e reveladas depois a um círculo de amigos no cantinho da farmácia, as suas ideias extravasavam cá por fóra, caudalosas, engrossando, impondo-se, fazendo opinião. Alvitre que trouxesse marca de tão abalisada procedência, dava sempre coisa que se visse, convertia-se logo em rialidade: fôsse uma árvore, um baile, o itinerário num cortejo, um espectáculo—um urinol.

{42}

Casado, sem filhos (e sem esperanças já agora de os fabricar) Anselmo professava pela espôsa um amor e um respeito inconcebíveis. Se alguêm diante dêle referisse factos menos edificantes

ou alarmasse a assistência com a nova dalgummodo moderno escandalo em supuração, comentava ruborizado e colérico:

—Deboche! Indecência! Quem quer mulher arranja-a, mas casa-se, que é o que todo o homem limpo deve fazer.

Ela, a D. Ermelinda, correspondia a essa louvável demonstração de bons sentimentos da parte do marido, com uma dedicação sem limites, a que a sua enorme fealdade—uma «fealdade específica», como diz Camilo—prestava fiança idónea.

Além do termómetro havia também na farmácia um barómetro. E todos os dias amigo Anselmo informava a vila e arredores com aquele rigor meticoloso, científico, aquela probidade verdadeiramente spartana, que era um dos ornamentos hereditários do seu character... {43}

Ninguém saía da terra, ninguém projectava uma viagem, um passeio, que não fôsse primeiro consultar o Anselmo:

—Que diz você?

E Anselmo, do alto da sua importância quase divina, resolvia:

—Póde sair, homem; vá descansado que não chove.

Ou então:

—Deixe-se ficar; o barómetro desceu e temos água.

Sei até de pessoas que atribuíam tamanha autoridade a Anselmo em assuntos meteorológicos, que havendo resposta negativa chegavam a observar-lhe:

—Demónio! Faz-me tanta falta agora não poder sair... Se isso fôsse coisa que se pudesse arranjar, sr. Anselmo...

Êle não se perturbava, não achava aquilo de mais, respondia: {44}

—Tenha paciência, homem, resigne-se; para outra vez será. Tenha paciência.

Quem é que sentia frio ou se queixava de calor emquanto Anselmo não manifestasse que sim, que estava calor ou que havia frio?—Anselmo batia o dente? Venham os jaquetões, os agasalhos, os capotes... Anselmo transpirava? As janelas logo se abriam e largavam-se os cobertores, as brazeiras...

Não era só respeito—era medo!

Nessa altura, por exemplo, o boticário decretára que havia um calor excessivo. Toda a gente entrou a dizer que era de mais, que uma tal temperatura se não aturava, uff! que havia um calor excessivo...

Certo dia Anselmo lembrou na farmácia que «talvez andando nu...». Pois surpreendi gente digna, disposta a seguir-lhe o conselho, quase a pôr-se como êle dizia...

Pela uma hora Anselmo examinava o termómetro (chamava-lhe: *a coluna*) primeiro à sombra, metódicamente, em seguida aos raios directos do sol, na soleira da porta.

Freguês que após esta operação penetrasse na farmácia era antes de mais nada avisado pelo Anselmo dos graus que atingira a temperatura ambiente: {45}

—Já sabe?... 30 à sombra e 50 ao sol!... É de rachar!

Depois é que aviava a receita limpando o suor da pescoceira ao mesmo pano com que enxugava as garrafas dos remédios.

A notícia circulava rápida. Perguntava-se por hábito:

—Já viu o termómetro? Quantos marcará hoje o termómetro do Anselmo?

E aí por volta das duas já se sabia, já constava cá por fóra:

—Então hoje, hein? 30 à sombra e 50 ao sol no termómetro do Anselmo!

Desapertavam-se os colêtes...

De facto, desta vez tinham razão. Havia umas horas no dia em que as ruas ficavam desertas, só as moscas e as abelhas faziam o seu giro zumbidor. Dos canos e das valetas onde levedavam detritos, subiam no ar quente exalações pestíferas. Eu esperava o correio com ansiedade, por causa dos jornais, as janelas do quarto entre-abertas, o pavimento borrifado com água; ali me conservava naquela meia penumbra, estirado na cama, de papo para o ar... e nu, consoante o {46}

Anselmo preconisára.

Saía só à noitinha, que refrescava um pouco, quando a vila se punha a respirar às portas das lojas, ou passeava em grupos pelas estradas, os homens de chapéu na mão e as senhoras de vestidos claros, muito lânguidas, com as blusas desbotadas nos sovacos—da transpiração diurna.

Foi por essa época que eu recebi a carta do meu amigo Felizardo—Felizardo Antunes Vieira Leite, do Porto—convidando-me a ir passar com êle uma temporada numa quinta do Minho, para onde partia nêsse mesmo dia com a mãe, uma senhora respeitável que desejava muito conhecer-me.

No verão iam sempre para lá, dois mêses, a regalarem os pulmões viciados do ar urbano e a vigiarem de perto as colheitas naquela quadra mais intensa da vida agricola. {47}

Adorável amigo!

Acabei de ler a carta e ergui-me dum pulo. Abri as janelas de par em par, para que a luz entrasse amplamente. Depois puxei os gavetões e pus-me a atacar de roupa a minha maleta de viagem. Porque eu ia viajar, senhores! Eu ia emfim ver êsse Minho pitoresco de que ouvira sempre falar com tanto entusiasmo.

Fui ao telégrafo e expedi para *dr. Vieira Leite* o seguinte aviso: «Chego àmanha».

As delícias do progresso!

Jámais apreciára como nêsse jovial momento esta coisa cômoda e vulgar que se chama—o telegrama. E a descer as escadas dos correios eu ainda vinha a parafusar nas belezas da Civilização,—contente, reconhecido...

De passagem, porque me ficava a caminho, entrei na farmácia. Nunca me dobrára em contumélias aparatosas de adulator ante a figura severa do boticário. Nunca balançára com mão subserviente o turíbulo da Fama com que a vila usava incensá-lo. Digo isto sem a menor sombra de prosápia e sem querer censurar ninguê, —apenas para estabelecer a verdade. {48}

Eu sou um apóstolo da Verdade!

Mas que razões me déra Anselmo que justificassem, até à data, a minha frieza, o meu desdêm, quase? A valer, nenhuma! Ficar-me-ia mal, portanto, que eu tivesse desta vez uma atenção e pondo de parte caprichos, orgulhos, lhe perguntasse muito cortêsmente se queria alguma coisa «para êsse Minho»?

Anselmo estava só, absorvido na laboriosa manipulação duma pomada. Um enxame de moscas poisava na gaze suja que revestia o candieiro de metal suspenso do teto fuliginoso; e atrás, sôbre o pano fundeiro, lia-se no vidro fosco duma porta interior esta palavra em letras gordas debaixo dum emblema galénico:

LABORATORIO

Avancei, anunciei-lhe o objecto da minha visita. O boticário ergueu a fronte majestosa, reconheceu-me, e mergulhando de novo no trabalho, rosou por entre dentes: {49}

—Boa viagem!...

Aquilo vexou-me; não eram formas de corresponder a uma delicadeza. Vai não vai estive para lhe dizer das boas, das fortes,—das minhas...

Mas não pude. Não sei porquê, mas não pude.

Dei umas voltas fóra do balcão, meio acobardado, com um terror supersticioso que não me deixava falar, nem me permitia arredar pé.

Coisa esquisita!

Baralhavam-se-me as ideias e, na confusão mental em que me via, uma só coisa me preocupava impertinentemente: se aquele Anselmo, aquele pigmeu! teria rialmente alguma influência no destino das chuvas, do vento ou das trovoadas?

Admitida a hipótese, podia muito bem, querendo, vingar-se de mim. Que mais não fôsse senão uma telha despenhada do alto dum prédio, no sopro duma rajada acintosa, sôbre a minha cabeça ímpia.

Mas...—protestava uma voz do fundo de todo o meu ser angustiado—o Anselmo, que pisava linhaça, que eu via ali na minha humana presença a fazer pomada!?! Insensata apreensão, pueril {50}

receio, que o falso, infundado prestígio de semelhante figurão, exercendo-se sôbre o meu espírito num inexplicável momento de fraqueza, havia logrado produzir!

Ah! mas a desforra ia ser tremenda! Eu ia resgatar, num gesto nervoso e varonil, a liberdade de pensar e de proceder de toda uma pequena aldeia de fanáticos, mostrando na hora augusta da emancipação, à luz da evidência e da subtil análise, o que êsse insignificante valia por dentro— como homem e como divindade!

Mas de novo uma dúvida, um vago temor se interpôs ao meu intento, quebrando-me as forças, jugulando-me,—nem que alguma poderosa mão invisível estivesse ali sôbre mim suspensa e pronta a estrangular-me à primeira voz.

—Ora esta! murmurava eu mentalmente, ora esta!

{51}

E passados instantes, tornando a olhar o boticário, que continuava indiferente e mudo a esmagar com a espátula, sôbre um pedaço de mármore polido, uma pasta esbranquiçada e fedorenta, perguntei-lhe com a mais cariciosa das maneiras:

—E que me diz o meu amigo do tempo?...

Ora! foi uma beleza: um milagre! Levantou de novo a cabeça, que me pareceu agora aureolada, e encarou-me. Tinha estampada no rosto a surpresa que a pergunta lhe causára. Vi-o sorrir; e mirando o barómetro (ou o termómetro: não sei...) veio até mim, afável, meigo, aliciador. Percebi que ia ter uma resposta, significando talvez o beijo tácito da reconciliação. Eu ia confraternizar com Anselmo, abraçá-lo, entrar-lhe na intimidade... Que bom! Que pechincha!

Nessa altura porêem, um sujeito baixo, agitado, nervoso, investe porta a dentro com os braços no ar, exclamando:

—Ó Anselmo! ó Anselmo! você já viu? você já sabe?

Fitámo-lo surpresos.

{52}

Era o Menezes, jornalista, que assim vinha estragar a doce situação.

—Que é, homem, que é?!... Conte lá, desabafe! disse o boticário sem encobrir o seu mau humor.

E o outro, com muitos gestos, esbaforido:

—O ministério! caiu o ministério!

E sentou-se por já não poder.

Anselmo largou a espátula:

—Que me diz?!

—Olhe, veja!...—murmurou sufocado.

E estendeu-lhe um papel, um telegrama, aonde vinha tudo explicadinho: «ministério em terra, chamado João Franco, parabens.» Não era preciso mais!

Anselmo ficou sem ar. E o Menezes, outra vez muito excitado, ia e vinha da porta ao balcão, do balcão à porta, a rir-se, transtornado da cabeça, doido com a história.

—Até que finalmente, dizia, ora até que finalmente: o João Franco! Ó Anselmo, ó menino, mas você já pensou bem no caso? O João Franco!

{53}

E esfregava as mãos de contente.

—Agora é que se vai ver o que é governar às direitas; agora sim, é que se vai ver o que é governar!

O boticário quase não queria acreditá-lo. «Ficára banzado!» E o Menezes, vociferando:

—Corja! Os outros por pouco que não põem o país a saque! Tudo a comer, tudo! E eu, e você, e os mais,—os que trabalhâmos—a pagarmos para aqueles piratas!

Anselmo sorria benévolo às considerações acerbas do jornalista que prosseguia irado, numa linguagem perversa:

—Súcia de gatunos! Pulhas! Pulhas!

E já frenético, em altos gritos:

—É bem feito, é bem feito: rua! É bem feito!

Começou a juntar-se povo, garotada, a quem o Anselmo, vindo à porta, enxotava, explicando:

—Que é? que é que vocês querem? Foi o ministério que caiu... Vão-se embora!

Um dos garôtos porém, mais curioso e atrevido, foi a espreitar para dentro, pelos vidros da outra porta,—a ver se via o ministério no chão... {54}

A Anselmo continuava no entanto a afigurar-se-lhe aquilo um sonho. Assim tão de repente, sem se falar em nada, sem ameaças de crise... Não seria balela?

O jornalista então pôs-se a raciocinar: Qual! era lógico; o Hintze fartára-se lá de fazer asneiras, e antes dêle toda a gente sabia que quem governava não era o Zé Luciano: era a mulher.

Tomou fôlego, prosseguiu:

—Quando aí veio o imperador da Alemanha, e a rainha Alexandra, e o outro... (fez um gesto com o polegar na direcção da raia) o de Espanha, nem sequer tínhamos um presidente do conselho em termos de se apresentar! Uma vergonha!

Cuspinou, bateu com a bengala, consultou o relógio. Era tarde.

—Olha o Teotónio! Você aí!—disse, dando por mim.—Desculpe, não tinha reparado... Então que diz a isto?

—Eu?...

{55}

—Sim, que diz você a isto?

Encolhi os ombros, sem responder, verdadeiramente embaraçado. E êle:

—Nem de encomenda, meu caro, nem de encomenda! O João Franco nestas alturas foi a sorte grande para o país!

Estendeu-me dois dedos a despedir-se; e quando se retirava:

—É verdade, ó Anselmo, você agora volta outra vez lá para cima, para a câmara. Creio que agora...

—Qual câmara nem qual carapuça, opôs o farmaceutico, modesto—o que eu quero é que me deixem. Teem aí muita gente...

Menezes não via, não achava:

—Muita gente! Aonde?...

Foi então que eu, Teotónio, julguei oportuno intervir:

—Se me dão licença, direi que sou também do parecer do amigo Menezes...

—Diga, diga! aprovou êste.

—É impossível na verdade encontrar por todo o concelho quem, como o sr. Anselmo, seja capaz de desempenhar com tanta capacidade e proficiência o papel de presidente do município. {56}

—Apoiado!

—Haja em vista,—justifiquei, voltando-me para êle,—o que V. Ex.^a fez da outra vez por ocasião da grêve das leiteiras!

—Ora, ora...—desdenhou Anselmo.

—É a verdade, é a verdade! aplaudiu o Menezes.—Está na memoria de todos. De todos!—repetiu, aprumando-se, nos bicos dos pés.

—Andava-se aterrado, continuei, como na véspera dos grandes acontecimentos. Dizia-se que ficaríamos sem leite na vila por uns poucos de dias!

—Um alimento de primeira necessidade...—avolumou o jornalista.

—Vai então o sr. Anselmo, num abrir e fechar de olhos, resolveu. Lembro-me como se fôsse hoje da memorável sessão a que assisti e em que V. Ex.^a sossegou a população, declarando que uma grêve dessa natureza seria para temer se em vez de ser feita pelas vendedeiras de leite, fôsse feita pelas próprias vacas... {57}

—Sim senhor...—confirmou o Menezes.—Lembro-me perfeitamente; eu também lá estava. Por sinal que estreei um fato nêsse dia...

—Emfim, rematei, e quantas coisas mais!? A quem se deve por exemplo o melhoramento entre nós do carro do lixo?

Menezes coadjuvou-me, indicou o boticário:

—A êle!

—A quem se deve a construção do coreto na Praça Nova?

—A êle!

—A quem se deve a compra dum irrigador para o hospital civil?

—A êle! a êle só!

—Ó senhores, pelo amor de Deus! confundem-me!—bradou o boticário rialmente confundido, levando as mãos ao crâneo—Eu sou um humilde trabalhador, com desejos de acertar, de bem servir a minha terra e os amigos. Nada mais!

—Êsse pouco...

—Mas quanto a política, francamente, confesso—estou farto; estou farto dela até aos olhos!

{58}

—Isso diz êle agora, isso diz êle agora, murmurou o Menezes, piscando-me o ôlho.—Olha quem, o régulo!

Depois, despediu-se; chegou mesmo a descer o passeio; mas voltando atrás afogado:

—Ouça lá, Anselmo, e hoje? o termómetro?

Anselmo foi verificar. Inclinando para o solo o dedo indicador, hirto, num gesto omnipotente, informou:

—Desce!

—Ah! Ótimo... Assim era duma pessoa morrer!

E muito meneado, o jornalista lá se foi de vez a semear notícias.

Dispus-me então a comentar o caso a sós com o Anselmo. Do seu facundo e preclaro espírito viria até mim, triste mortal, o bom conselho, a opinião autorizada e justa...

Ministério em terra, o João Franco inesperadamente no poder... Era com efeito um extravagante acontecimento.

Eu nunca fôra, porêem, um político interessado. A dizer a verdade, não sabia mesmo se aquele factó, na aparência sensacional, representava uma vantagem ou um inconveniente para o país. Não me encontrára jámais inclinado para êstes ou para aqueles. A ser um franquista, um progressista ou um regenerador, preferia não ser coisa nenhuma—que é para o que eu me sinto rialmente com vocação...

{59}

Naquele momento todavia achei o João Franco simpático. Decerto vinha animado de bons propósitos, decerto; e era um homem rico, o que—seja dito de passagem—significava uma grande segurança para a inviolabilidade do Tesouro... Menezes tinha razão.

Todas estas considerações eu adusi a Anselmo, que me fitava e sorria satisfeito.

—Mas porque caíria o Hintze? indaguei.

Anselmo torneou o balcão, veio dizer-me ao ouvido:

—O rei, entende? que tem um medo dos rëpublicanos que se fina (isto aqui para nós) e quer lá no poder um homem de envergadura, um homem que os tenha no seu lugar, ora entende o senhor? Para isso, ninguém mais nas condições de que o João Franco. O João Franco é um valente! Se lhe constar, *verbi gratia*, estando aqui, que lá fóra a uma esquina há um homem com um cacete á espera dêle—acredite—é quando lá passa mais depressa. Olha quem!... Nem o Bismarck!

{60}

Eu ia acompanhando com interjeições o caloroso panegírico do ministro. E quando Anselmo terminou:

—Efectivamente, o João Franco...

Anselmo benzeu-se:

—Ah! meu amigo: é um colôso!

Fez-se silêncio. O boticário acondicionava numa caixinha a pomada preparada. Assoou-se. Escreveu um rótulo e colou-o na tampa, a assobiar o hino da carta.

—Diga-me uma coisa, inquiri; o Menezes não era progressista?

—Era; mas passou-se para os nossos há-de haver um mês. É um convicto.

—Parece.

—E brioso; um cavalheiro.

—Parece.

{61}

—Ali o Souto dos telégrafos mijou-lhe um dia fóra do têsto...

—O Souto? Ah! sim... Mas êsse é um trampolineiro!

—É. O sr. fala-lhe?

—Às vezes, por cortesia...

—Pois uma ocasião teve o descaramento de afirmar, no club, diante de quem o quis ouvir, que um artigo que o Menezes publicára não era do Menezes e que era... sabe o senhor de quem? imagine!—do Navarro, do Emídio Navarro!

—Patife!

—... que tinha vindo nas *Novidades* já não sei há quantos anos, e que o Menezes o fôra copiar, alterando apenas ligeiramente a forma.

—Patife! patife!

—O Menezes, mal aquilo lhe chega aos ouvidos—êle que é um esturrado!—agarra num vergalho e onde encontra o Souto prega-lhe uma destas coças...

—Bem feito.

—De manhã já o Menezes aqui me tinha dito a mim, furioso: «Juro-lhe, Anselmo, que onde encontro aquele tratante, quebro-lhe um corno».—Se bem o disse melhor o fez: vai e quebrou-lho.

{62}

—Anda-me.

—No domingo imediato, quando tudo supunha a questão arrumada, zás: sai o jornal? Eu cheguei a saber aquilo tudo de cór, homem!

Concentrou-se, os olhos fechados, a mão na testa, a ver se se lembrava.

E com pesar:

—Já não vai; paciência!

—É pena.

—Mas digo-lhe o final, descance, que êsse é daqui...—e beliscava o lóbulo da orelha. Então, o braço estendido, em atitude declamatória, o polegar e o índice aplicados num gesto precioso, recitou, com uma pontinha de malícia nos olhos: «Diz D. Bazílio que da calúnia alguma coisa fica. Não temêmos, porém, etc., etc., etc....» Repare agora: «Os aleives resvalam na consciência dos justos como zagalotes no aço.» (Anselmo sublinhava: *como zagalotes no aço...*). «Todo o mundo sabe que só usamos o que nos pertence...» (*Piscadela de olho do Anselmo*) «Não costumamos botar figura com coisas alheias: o dinheiro dos amigos ou as joias das amantes: *Meneses dos Santos*».

{63}

—Isso é medonho! comentei.

Emquanto Anselmo repetia, vibrante de entusiasmo:

—«O dinheiro dos amigos ou as joias das amantes»! Refere-se á mulher do notário... Genial! genial!

Rimos depois muito, com aplausos efusivos ao jornalista e censuras ao procedimento do Souto, que fôra indecente.

A conversa decaíu. Anselmo bocejava. Eu peguei num jornal, percorri-o com a vista, distraído.

—Então sempre vai amanhã? perguntou-me.

—Sempre vou amanhã.

—Pois o tempo está firme. A *coluna* desceu, mas descance que não há-de haver novidade. Isto conserva-se.

Bateu-me no ombro palmadinhas amigáveis:

{64}

—Pode ir descansado...

—O sr. Anselmo não quer para lá nada?—perguntei.

—Não; quero que tenha muita saúde.

Fitou-me carinhosamente:

—E veja se engorda, coma-lhe! Parece que anda magro, homem... Dê cá um abraço.

Estreitá-mo-nos peito com peito. Éramos dois amigos velhos... Comovi-me; e visto que se faziam horas de jantar, segui rua abaixo.

—Até à volta!

—Até à volta!...

O sol abrasava. Quando dobrei a esquina, olhei. O boticário tinha vindo à porta, dizia-me adeus de lá,—com a mão...

{65}

Sr. Anselmo

(Perfil grotesco dum provinciano ilustre)

(1912)

II

Sr. Anselmo

(Perfil grotesco dum provinciano ilustre)

(1912)

II

ANSELMO estava em Nagosa, fazendo a vindima, quando se declarou em Lisboa o movimento revolucionário de outubro.

Tinha vindo nesse momento de baixo, do lagar, aonde meia dúzia de homens hercúleos, de calça arregaçada e pernas ao léu, róxas como canelas de perdiz, pisavam a uva, dançando ao som de ferrinhos e de adufe uma dança bárbara, grotesca, entre uivos e assobios.

O filho mais velho do caseiro fôra a Moimenta pelos jornais e por tabaco, e a encomendar a carne do dia imediato, que era dia de matança na vila.

Não devia tardar.

D. Ermelinda arranjára a ceia: uma ceia de caldo verde e sardinhas assadas, raras naquela região e muito frêscas,—nem que Nagosa fôsse um braço de mar e as houvessem ali pescado nêsse instante... No fim, para assentar, chá,—um cházinho de cidade, loiro e aromático, dando a nota apurada da civilização após aquele *menu* de cavadores.

Viera a criada erguer a mesa, dobrando a toalha cautelosamente para não espalhar as migalhas pelo chão, quando chegou o portador de Moimenta com a notícia de que estalara a revolução em Lisboa. A notícia era vaga e incerta, sem pormenores, porque não havia jornais nem o telegrafo funcionava; um caixeiro de amostras chegado de Lamego essa madrugada, em deligência, espalhára a novidade e disséra que Lisboa, a essa hora, era um mar de sangue!

{66}
{67}

{68}

{69}

Desde o assassinato do rei que Anselmo sentia um forte desânimo por tudo isto... D. Carlos, tipo de sibarita sem escrúpulos, inteligente, mentiroso e gabarola, fôra a última trave que ruira do desmantelado edifício monárquico. A sua morte, cuja forma, êle, Anselmo—homem de processos sóbrios—veementemente reprovára, deixára o país em alvorôço, debatendo-se nas garras duma agonia cruciante, mal amparado por gente tímida, com um rei no trôno «que não era rei nem era rainha», figurita débil e epicena de maricas.

—Havemos de ir longe! profetisava com melancolia.

A nova da revolução na capital, trazida assim, de súbito, àquela hora da noite, por um labrego analfabeto, a um lugar sertanejo e ignorado, não o surpreendeu portanto, mas encheu-o de ansiedade e sobresalto.—Qual seria o resultado de tudo aquilo? Venceria o govêrno? Venceriam os insurrectos? E depois: a intervenção estrangeira?... {70}

Um calafrio de susto percorreu-lhe a espinha dorsal ao pensar nisso, nos horrores duma carnificina e dum saque. Viu-se desapossado dos seus bens, violentamente, à coronhada; viu-se escorraçado, prêso, fusilado a uma esquina! Êle estava dispôsto todavia a declarar, sob sua palavra de honra, que embora tivesse militado no partido franquista, não tinha a mínima sombra de responsabilidade no indigno decreto de 31 de Janeiro...

—Com que então Lisboa é um mar de sangue? perguntou de novo ao seu rústico informador, como para certificar-se de que não delirava. E confirmada a notícia, comentou:—Pois bem... Nós cá não temos nada com isso; lá é com êles. Acima de tudo o que eu sou é patriota. Rêpública ou Monarquia tanto se me dá; o que é preciso é haver quem nos governe. Boa noite!

Havia lua cheia.

Anselmo antes de se ir deitar saíu para o terraço da casa a respirar um pouco, à vontade. Arrotou. As sardinhas vieram-lhe à bôca. Murmurou arreliado:—«A mania de comer a esta hora há de acabar.» {71}

O arzinho do campo, porém, reanimou-o, fez-lhe bem, descongestionou-lhe o rosto afogueado.

Sentou-se num banco, á fresca, de colête desabotoado e a fumar.

De dentro, através duma janela aberta, a voz de D. Ermelinda vibrou esganiçada:

—Ansêlminho, olha a bronquite!

Não respondeu. A noite estava um encanto! Um luar muito claro punha em relevo as silhuetas da paisagem larga, beirôa, de vegetação sombria e de penedia hirsuta. Os cães ladravam na quinta. Milhões de estrelas scintilavam no céu opalino, levemente ofuscadas pela alvura do luar...

Murmurou, regalado:

—E é que já daqui não saio, emquanto a coisa se não decidir...

A 5 de Outubro estava a Rêpública definitivamente proclamada em Portugal, sabendo-se da nova em Nagosa quando o vinho de Anselmo começava a ferver nas dornas. {72}

De tarde Anselmo foi à lagariça para calcular com a vista a importancia da colheita. Bem boa! Sabia-se que em Moimenta os rêpublicanos tinham já içado na casa da Câmara o pavilhão revolucionário; ia um delirio na população. E o brasileiro de Cabaços deitára meia dúzia de foguetes que se viram perfeitamente de Nagosa subir e estalar no ar, deixando uns novelos de fumo branco, por momentos, no azul do céu e no oiro vivo do sol outonal.

Anselmo debruçou-se sôbre o lagar, farejou o môsto, teve um sorriso feliz de proprietário favorecido, e chamando o caseiro:

—Ó Jose, o vinhito êste ano parece-me bom, hein?

—Parece que sim, meu padrinho...

Era afilhado.

—A uvazita fundiu... dizias que não.

—Houve mais que eu sei lá!

—Pois sim, mas...

Não concluiu, não explicou o que queria dizer na sua. {73}

Tirou do bôlso a tabaqueira, um livrete de mortaldas; ofereceu uma na ponta dos dedos ao afilhado; deitou-lhe na palma da mão calosa duas pitadas de tabaco francês; limpou depois êle próprio as mãos sujas do rebordo da dorna a que se agarrára, a umas palhas que ali topou a jeito, e pôs-se a fazer um cigarro, trauteando a *Portuguesa*.

O primeiro desgosto sério que êle sofreu depois da República, foi com a *lei da Separação*.

A mudança de regimen, como Anselmo a entendia, resumir-se-ia a abolir a realza, causa imediata e suficiente de quantos cataclismos e desgraças assoberbavam êste pobre país. O resto era pó, ou melhor, era ódio, vingança, perseguição, fanatismo. Impressionára-o bem, ao começo, o facto de serem os próprios miseráveis, os pobretanas, os maltrapilhos, quem guardára, nos dias da Revolução, os bancos e as casas da gente endinheirada. Mas a questão da bandeira, logo a seguir, a picuinha de substituírem as antigas côres constitucionais pelo vermelho e pelo verde (há quem diga que Anselmo sublinhava a palavra *verde* com intenção maliciosa; talvez) começou a indispor-lo, a irritá-lo. De mais a mais havia gente insuspeita a condenar as novas tintas! E os olhos sinceramente se lhe arrasaram de lágrimas quando viu tremular no edificio da câmara municipal da sua vila (da sua vila!) o hediondo trapo republicano. {74}

Aos primeiros dias de harmonia e de entusiasmo começaram a suceder-se no país, pouco a pouco, outros, menos tranquilisadores e festivos. Tinham-se efectuado prisões, demissões; surgiam ali e aqui desacordos, antipatias, notas desafinadas no geral concerto; havia descontentes; principiava a falar-se vagamente de conspiradores. O capitão Paiva Couceiro saíra para Espanha, agressivo, no intuito de organizar um exército restaurador da monarquia. Os padres, dizia-se, tinham o povinho ignorante das aldeias na mão, e era só dizer-lhe:—«Vamos!» tudo marcharia à uma sôbre as cidades e daí sôbre Lisboa, engrossando, rolando, com a fôrça duma vaga e o barulho dum trovão! {75}

O Governo Provisório, sorrindo desdenhosamente, tomava no emtanto as suas medidas de defeza, ordenava prevenções rigorosas nos quartéis. As redacções dos jornais monárquicos eram assaltadas por magotes de homens armados e coléricos que partiam o mobiliário, empastelavam o tipo, espatifavam as maquinas de impressão, pondo tudo em fanaticos, pelas janelas, no meio da rua.

E foi numa altura destas, num estado assim de insubordinação e de efervescência, que o govêrno se lembra de perseguir os bispos!

Anselmo indignava-se:

—O país é católico, dizia, o país é católico e não pode permitir semelhante arbitrariedade! É um atentado contra a religião de cada um.

Alguém lhe ponderou que não, que o govêrno não pensava em perseguir ninguém; que não era êsse o espírito da lei; que o Estado o que não devia era apadrinhar esta ou aquela religião. Eu mesmo, Teotónio Mendes, republicano hereditário, apoiei com certa autoridade e firmêsa estas sensatissimas explicações. {76}

—Cale-se! vociferava êle, exaltado, dirigindo-se-me; cale-se, que não diz se não asneiras. A República tem de ser tolerante se quizer viver! Os jacobinos, os carbonários como o senhor, não conseguirão por mais que se esforcem abafar os protestos da opinião pública; e a opinião pública está abertamente com a Igreja. Com a Igreja, fique-o sabendo!

Todos nos calávamos. Anselmo limpava a fronte donde o suor porejava.

—Pódem-me prender, se quizerem, que eu direi sempre a verdade. A verdade é só uma!

E cheio de provas, revoltado:.

—Admite-se lá que se tire assim o pão a tanta gente, que se lance na miséria tanto português, tanto padre com mulher e filhos... perdão (emendava): com família numerosa.

Em volta houve um silêncio aprovativo.

Tudo mudára, na verdade...

Um dia, Anselmo andava passeando na farmácia, as mãos atrás das costas, a meditar no futuro do país. O barómetro marcava tempo sêco—e lá fora chovia! A *coluna* indicava uma temperatura alta, e Anselmo tinha a certeza de que era falso. Aquilo queria dizer que andava tudo às avessas, que ninguém se entendia neste país, que a indisciplina reinava—até no tempo! {77}

Não havia doentes: há 15 dias que o movimento farmacológico era insignificante. Assim, a própria ociosidade colaborava nos acontecimentos, gerando nos cérebros ideias insubmissas...

—V. Ex.^a é que é o sr. Anselmo Nogueira?—perguntou a meia voz um desconhecido que entrou, descobrindo-se.

—Eu mesmo em carne e osso. Ponha o seu chapéu. Que deseja?

Mas logo, reconsiderando, medindo-o, fez pé atrás como quem desconfia do sujeito e se prepara para se pôr a salvo, no caso de perigo.

—Não se assuste, disse-lhe o recém-chegado, observando aquele gesto,—eu não sou quem pensa... pelo contrário.

{78}

—Ah!

—Sou dos *fieis*. Trago-lhe aqui uma carta da Galisa...

E levou a mão ao bôlso. Anselmo segurou-lhe no braço, palido:

—Ó diabo, espere... espere lá, tome cautela.

E foi à porta espreitar. Não havia ninguém. Chovia.

—Tem a bondade de entrar ali para dentro, indicou.

E encostando a porta de vidro fôsko do laboratório:

—Estou às suas ordens, pode falar... Estamos sós.

Todo êle tremia.

O outro entregou-lhe a carta em que lhe pediam dinheiro para uma próxima incursão e lhe perguntavam se poderia auxiliar, a coberto da sua seriedade insuspeita, um pequeno contrabando de armas: pistolas e munições. Assinava a carta, em nome de Paiva Couceiro, «um amigo da Religião e da Pátria.»

{79}

Anselmo gaguejou:

—Sim... sim... dinheiro, talvez, mais adiante... Agora as pistolas, desde já lhe digo, meu caro sr., que as pistolas não... Escusam de contar comigo para semelhantes aventuras. A minha casa é muito freqüentada, tudo meche e remeche... não há esconderijos...

—Nesse caso...

—Nesse caso, o melhor é ir bater a outra porta. Do meu lado podem contar apenas com o apoio moral.

O desconhecido ia retirar-se desanimado. Anselmo deu-lhe uma esperança;

—Ah! olhe: e estircnina e sal de azêdas, à descrição...

O enviado sorriu, agradeceu, despediu-se.

—Diga-me cá, inqueriu ainda Anselmo interessado, com a mão dêle apertada,—o nosso Paiva Couceiro como ficou?

—Bem.

—E o rei, tem-no visto?

Não o tinha visto. Estava em Londres.

—Coitado! aquele também... Quando calhar, dê-lhe lá muitos recados meus, sim?

{80}

O indivíduo misterioso prometeu, saíu da botica.

—Oiça, oiça! A Ermelinda, minha mulher, também se recomenda. E à D. Amélia. Diga-lhe que cá os esperamos a todos, muito brevemente.

Fez-lhe uma mesura aparatosa:

—Meu caro senhor...

Uma vista de olhos, rápida, furtiva, pelas janelas dos prédios fronteiros, a ver se alguém teria dado pela visita, e tornou ao laboratório, ruminando o caso, arreliado por se ter esquecido na perturbação que o invadira, de perguntar o nome do tipo. «E a gente às vezes a supôr que ninguém nos conhece, que não consta, que se não sabe lá por fóra! Ai Anselmo, ai Anselmo!...»

Tirou do bôlso a carta comprometedôra, levemente amarrotada; acendeu um fosforo e ali mesmo, antes de outra coisa, queimou-a, com prudência, reduzindo-a a cinzas.

O documento!

Nisto, uma mulherzinha entrou na farmácia, a correr, sem chaile, a pedir linhaça para o sr. administrador que estava a morrer com uma cólica. {81}

Anselmo estremeceu. Para o sr. administrador? Fingiu que ia servir a mulher, e de repente:

—Oh co'a breca! esta agora! não tenho linhaça.

—Não tem linhaça?!

—Não tenho. Acabou-se-me.

—E agora?

—Agora... deve chegar amanhã.

—Amanha! Amanha pode o homem estar no outro mundo!

Anselmo sentiu que as pernas se lhe vergavam àquela ideia homicida; ia trair-se, não podia mais.

—No outro mundo?!

—Sim, no outro mundo; se o sr. o visse!

Anselmo, porém, num abrir e fechar de olhos, raciocinou: «mas se êste é dos tais que a monarquia não poupa quando voltar; se êle está fatalmente condenado pela revindicta... Deixá-lo ir já!» {82}

—Pois tenha paciência, santinha; onde não há el-rei o perde...

—El-rei! exclamou a mulher, furiosa, voltando costas, de repelão,—o que o sr. precisava bem sei eu; não haver linhaça numa terra onde não há mais boticas!

Anselmo ainda ouviu a mulher a distância, queixar-se para alguém, fazendo escândalo:

—É ali o boticário que não tem linhaça; anda só a pensar na monarquia, o talassa, e esquece-se das obrigações...

O epíteto de talassa custou-lhe os olhos da cara; mas emfim, tudo eram sacrifícios pela Causa. Mais tarde havia de saber-se e os juros viriam—se viriam!—com larga usura e gratidão...

—Talassa! Talassa!...—gritava a mulher.

—Pois sim...

A incursão falhou. Pela raia, em Vinhais, bandos de malfeitores assalariados tinham tentado um simulacro de luta contra a existência do novo regimen. Fugiram. A notícia do fracasso voou por todo o país com rapidez. Anselmo soube-a de manhã, na cama, pela criada, e já se não quis levantar. Adoecera. Queixou-se de arrepios, gemeu, disse à mulher que mandasse vir o médico. {83}

—E para a farmácia, quem vai?

—Vai a senhora, rosnou, de mau humor.

E abafou-se na roupa.

O médico veio e receitou: era intestino. Como republicano, falou do caso. Anselmo, mordido de curiosidade, desejou conhecer toda a acção nos mínimos detalhes: quantos eram, quem vinha, quem comandava e por último, convencido da derrota, da inanidade daquele esforço ridículo, perguntou:

—E dos *nossos*, quem foi?

—Dos nossos?! interrogou o médico, sem perceber.

—Sim, dos *rèpublicanos*: quem é que o govêrno mandou a correr aquela tropa fandanga a ponta-pé?

O médico, que era um homem distraído, respondeu com indiferença: {84}

—Não sei; creio que ninguém; nem se pensou em tal, ilustre correliigionário...

À tarde, Anselmo pôde sair. Não tinha febre. O intestino desatou a funcionar melhor e nem foi preciso medicar-se.

—Mas que ideia aquela, dizia êle, no club, a uma roda de amigos embasbacados,—que ideia aquela da restauração! São doidos!... A República tem, não há dúvida, alguns defeitos, sou eu o primeiro a reconhecê-lo; mas tirem-se-lhe! O que todos devemos fazer é trabalhar para que as novas instituições sejam aquilo para que as creamos.—Não é isso, Teotónio? rematou, voltando-se para mim, que o escutava transido.

E com descaramento:

—Você tem-me ouvido muita vez dizer isto mesmo; você sabe que eu já no tempo da monarquia era tanto ou mais liberal do que você, que se tem por histórico.

Eu, moita.

—Você não fala? não diz nada?

Afastei-me prudentemente. Notei que ia rebentar de indignação contra aquele farçante; mas ao mesmo tempo sentia—como sentíamos todos aliás, diante dêle—que nem que fizesse ou dissesse o dôbro do que dizia e fazia, algum de nós teria a coragem de o desmentir! {85}

Assim se consumou pois a adesão solene do sr. Anselmo a República. Tudo o que veio a seguir, grêves, intencionas, zaragatas, a incursão de julho... tudo, numa palavra, encontrou-o já pela frente, tão decidido e jacobino, ou mais ainda do que aqueles que se gabavam de o ser. Logo que se organizaram os partidos, Anselmo filiou-se nos *democráticos*. E o ódio ao padre, o horror ao padre, a fobia do padre obcecava-o de dia e de noite.

Uma vez, um dos ministros foi a Vizeu: pespegou-se lá, com o Teotónio e o administrador (aquele administrador que êle quis matar) e o Menezes jornalista, que também já era *democrático*. Assistiu ao jantar, fez um brinde condenando o Clero, «êsse Clero infame a que pertencêra, não se sabe porque caprichos da sorte, o célebre, o liberalíssimo bispo daquela terra!». Falou depois de Viriato, e terminou com um viva à República que atroou o vasto recinto do teatro onde o banquete se realizava. {86}

O ministro, sensibilizado, ergueu-se para agradecer. Discursou pausadamente durante 20 minutos, empunhou a taça por fim, e pediu a todos que o acompanhassem e bebessem à saúde de Anselmo Nogueira, «figura prestimosa da República, homem de bem às direitas, livre pensador e companheiro fiel dos tempos da propaganda.—Hip! hip! hip! Hurrah!».

As taças tilintaram. Anselmo, carregado, chorou. E Teotónio, batendo com a mão no ombro do administrador de Moimenta, segredou-lhe:

—Lá intrujou o ministro, o patife! Companheiro fiel dos tempos da propaganda, ouviste? Que desafôro!

O administrador comentou:

—E livre pensador, filho! Parece que o estou ainda a ver de lanterna e de opa na procissão do Senhor dos Paços! O que é o mundo!... {87}

Eu puz-me a considerar, palitando os dentes.

—Então e nós? indaguei por fim, despeitado.

—Nós? nós? Essa agora! Nós não sairemos nunca da cêpa torta, meu velho... Este Anselmo, êste farmaceutico, que ali vês recostado numa cadeira, é o modelo do político português. Maioral no tempo da monarquia, maioral se vai tornando dentro da República. Era de esperar! Pois se os monárquicos é que prepararam isto com os seus erros, se êles é que deitaram a monarquia a terra, não achas justo que quem plantou a vinha pense também agora em comer os cachos?... {88}

{89}

Candidinha Cerdeira

(Novela romântica)

{90}

{91}

Candidinha Cerdeira

(Novela romântica)

EM casa da D. Leonor, viuva do juiz Cerdeira,—que era irmão do afamado cónego Amorim Cerdeira, vigário geral na diocese d'Angra—falou-se muito toda essas noite na vinda do novo professor do liceu.

Chamava-se Hipólito e trouxera a irmã, Alzira, rapariga loira que usava uns chapeus enormes e punha beladona detrás das orelhas para fazer os olhos bonitos...

Era uma excêntrica. A história da vida e obras de certa princezinha otomana, filha dum velho imperador de Constantinopla, extravagante até à loucura em matéria de garridice, lida num volume que o irmão lhe emprestára, pô-la em termos de aspirar a utopias: desejaría banhar-se num lago d'aguas perfumadas, ungir o corpo d'óleos aromáticos, ter um jardim suspenso e uma multidão de escravas que fossem todas as manhãs colher o orvalho das flôres... para ela refrescar o rosto.

{92}

Custára-lhe imenso a deixar Lisboa e vir assim encafuar-se numa aldeia,—porque era positivamente uma aldeia aquele feio e triste burgo d'aspecto desolado e monótono, onde não conheciam ninguém.

Emfim, para quem trazia os nervos combalidos dos sobressaltos e incertezas das grandes horas da Revolução, aquilo até certo ponto convinha. Tinha amenidades de paraíso a paz pôdre, o sossêgo vegetativo e pacovio daquela terra pequena, com sua vida imutável, seus hábitos conservadores e sedentários, um modo bisbilhoteiro de vir às portas e às janelas espreitar, e certo *centro* palreiro de maledicência e política, que logo lhes disseram ser ali a loja do *amigo Palma*.

{93}

Quem pôs a cidade ao par de toda a biografia do professor e da irmã foi o Malafaia, o grande bacharel Malafaia, de quem o dr. Marim, médico do partido, dizia: «—Este não se formou: formáram-no...»—Conhecía-os de lhe terem sido apresentados há anos na Figueira da Foz. Alzira confessou-lhe agora, quando os visitou, que gostava muito da cidade.

—O quê! sério?

Sério. Dava-se bem com os ares, que eram puros, saudáveis, e com a água, magnífica! Apenas uma única coisa a contrariava devéras: ter de viver num hotel..

Malafaia reconheceu que havia em todas aquelas referências uma pontinha de malícia.

—No hotel? disse.—E porque é que V. Ex.^{as} não arrendam uma casa?

—Porquê? Ora essa; o doutor nem conhece a sua terra... Porque as não há!

Rialmente não as havia. Que aborrecimento!

{94}

—Eu não sei o que os senhores fazem ao dinheiro...—tornou Alzira, achando móle e carregando.

—Também o não há...—respondeu o bacharel.

Todos riram com a resposta. O professor declarou no emtanto achar-se resignado, contente... Apesar dêsses pequenos defeitos—e qual era a terra que os não tinha?—aquele meio era delicioso.

—Só esta pacatez!...

E abeirou-se da janela, encheu os pulmões do ar puro que vinha das altas montanhas distantes.

—Quer saber? murmurou,—minha irmã, a primeira noite que aqui ficámos, não conseguiu pregar olho...

—Então? Porquê?

—Por causa do silêncio!

D. Leonor vivia com a filha, Maria Cândida,—a Candidinha—que andava agora nos dezoito anos e ainda engatinhava quando o pai morreu de congestão cerebral. Reunia aos sábados. Iam quase sempre o juiz da comarca e a mulher; o sr. Xavier—o *Xavier das massas*—solteirão abastado e artrítico; o dr. Marim e às vezes uma D. Josefina, também viuva, que fôra operada por êle duma doença d'útero. Tudo gente de idade. Maria Cândida aborrecia-se daquela vida. A mãe andava sempre a dizer-lhe:

{95}

—Que cara que tu trazes, rapariga! Nem parece que te lus o que comes. Endireita-te! Que há

de dizer a outra gente.

O dr. Marim tinha um facataz pela pequena. Achava-a esperta, interessante, em tudo revelando um carácter diferente da vulgaridade. Dedicára-se-lhe por isso com um entranhado amor de pai, em certas ocasiões surpreendendo-se a chamá-la, a acarinhá-la como se ela rrialmente fôsse do seu sangue... Também, a cachopinha, logo de tenra idade correspondia àquele amor; e quando o médico, a brincar, lhe perguntava se queria ir com êle, fugir da mãe para longe, a petiza saltava-lhe ao pescoço, a cobri-lo de beijos, sem dizer palavra,—lá no fundo a desejar que êle a levasse... D. Leonor sorria; intimamente porém desgostava-se. Desenvolveu-se à pressa, espigou dum dia para o outro, Maria Cândida. Todos diziam:—«Está uma senhora!» E deu então em andar triste, murchita, nervosa, a ponto de a mãe se alarmar, perguntando ao médico o que seria. O médico ria-se, receitava:

{96}

—Banhos... Água p'ra cima daqueles nervos! E deixe-a sair, não a prenda em casa, que estas idades querem sol...

Maria Cândida tinha-lhe dito um dia:

—A mamã quer-me para freira, não há dúvida. Tem medo que eu saia, proíbe-me que chegue a uma janela, não me deixa mecher se não nos livros do tio Cerdeira, que são todos em latim. É pior!

O médico ficou a ruminar a gravidade daquele comentário; «é pior!»; distraíndo o olhar pela variada, profusa, quase incongruente decoração da sala, onde D. Leonor recebia aos sábados. A rapariga tinha rasão: educar, pensava êle, é formar seres conscientes, livres, não é torcer aptidões e tendências naturais por forma a amoldá-las ao próprio interesse de quem educa. Dizer a alguém: «has de ser isto ou has de ser aquilo, porque eu quero, porque convêm, porque é assim», e não admitir sequer que êsse alguém raciocine, ou sinta, ou queira doutro modo,—é um absurdo. Tão grande como se uma pessoa que tivesse fome em dado momento, exigisse dos mais, no mesmo instante, a mesma vontade de comer...

{97}

O médico, por fim, demorou os olhos sôbre um enorme quadro exposto numa das paredes do fundo, que representava um trecho de paisagem oriental: palmeiras, filas de camelos pensativos e gibosos; e um beduino barbinêgro, prosternado, osculando o solo poeirento, onde poisára o cajado de larga crossa e as babuchas de palha de arroz...

O dr. juiz nunca via aquilo que não exclamasse:—Lindo!—e encavalava a luneta para ler o nome do autor, que lhe esquecia sempre.

Maria Cândida sentou-se ao piano. Imprimia ao que tocava um movimento de embalo, vagaroso e triste, que tanto podia traduzir a influência duma vida pendular, claustural e monótona, reflectindo-se-lhe nos sentimentos, como a aspiração vaga e inquieta duma alma que procura no ritmo da música o ritmo do vôo...

{98}

Conheceu Hipólito num domingo, à saída da missa, onde o professor fôra acompanhar a irmã. Malafaia, que aparecia em toda a parte por um maravilhoso dom de ubiqüidade, mal os avistou, fez as apresentações.

D. Leonor não gostou. Aconselhára-a o sr. Xavier que não quisesse relações com semelhante gente: «gente de Lisboa, sabe? uma educação muito livre.» E torceu o nariz, fez o gesto vago de quem prevê calamidades.

Durante a missa Maria Cândida notou que o professor a fitava com uma curiosidade insistente. Tinham ficado todos, casualmente, em cima, no côro. Através dos balaústres ela via o padre ao fundo, oficiando; e atrás, enchendo a comprida nave, o povinho das aldeias que vinha aos mercados semanais.

Hipólito ficára junto de Alzira, que trazia como sempre um chapéu escandaloso, e observava os menores gestos de Maria Cândida. Viu-a abrir o livro, persinar-se, bater no peito devotamente quando o padre consagrou a hostia e ergueu o cálice e, no silêncio religioso da igreja, o som da campainha vibrou, duas vezes, com solenidade e cadência.

{99}

Um raio de sol filtrou a sua luz pura por uma das altas janelas da nave e foi refractar-se nos pingentes dum lustre de cristal pendente da abóboda, incidindo por fim, já irisado, no cabelo, nas faces, no manto azul duma Senhora das Dôres, que chorava no altarzinho duma das capelas laterais... Maria Cândida resou-lhe uma oração fervorosa e a Virgem pareceu sorrir por entre as lágrimas, agradecer, no seu banho de luz—no que Maria Cândida viu um sinal de bom agoiro...

Quando lhe apertou a mão, cá fora, e a poudes observar à claridade crua do meio dia, perto de si, Hipólito ficou encantado. Era o tipo sonhado, inédito, da beleza inculta, da simplicidade provinciana. Tinha na fala o sotaque da pronúncia beirôa, autêntica, sibilante de ss; e nos olhos um ar assustadiço, implorativo e meigo, de herbívora.

{100}

A caminho de casa, Alzira disse ao irmão:

—Se um dia te desse para o casamento, gostava que casasses com uma rapariga assim...

E êle:

—Quem havia de dizer que numa terra destas!...

D. Leonor guardava a filha como um dia santo. Não a votava decerto, estèrilmente, ao celibato, mas reservava-lhe um destino a seu gôsto. Não a tinha trazido no ventre? Não a tinha criado, educado, sofrendo por ela penas e reveses? Sabe Deus!

—Quando se tem a tua idade, prègava-lhe, não se pensa, não se reflecte, deixa-se a gente levar pelas apparencias; mas depois... Teu pai, quando casámos, não tinha vintêm,—e diziam que era esperto... Ao princípio vi-o muita vez a chorar, a arrepelar-se, a pensar em morrer. De que lhe servia a esperteza? Serviu-lhe mas foi o irmão, que era um homem de tino e de fortuna, com amigos a valer que lhe arranjaram o despacho...

{101}

Maria Cândida escutava sem retorquir. Percebêra que a mãe queria casá-la com o Xavier.—O Xavier! Um velho! um antipático que usava meias de lã ásperas como urtigas, que desabotoava o colete depois de jantar e, sobretudo, que podia ser avô dela! Metia-lhe horror e repugnância tal ideia. Nunca! Nem que tivesse de ficar solteira, como as tias de Freixinho...

Uma amiga do colégio—a Matôso—tinha-lhe jurado que o professor andava com boas intenções; que aquilo não era um passatempo; que lhe afirmára o Malafaia—sabes? o Malafaia que agora me faz a côrte...—que o casamento era infalível.

Ela punha-se com evasivas:

—Pois sim... Eu então já ouvi dizer que era contigo...

Entretanto o namôro progredia. Não era segrêdo para ninguêm que se carteavam e que tinham entrevistas do mirante do jardim. Em toda a parte se comentava isto: a paixão do professor do liceu e da Candidinha Cerdeira.

{102}

E amiudava-se o caso, referiam-se pormenores excitantes. Havia quem tivesse visto o professor, feito Romeu, trepar por uma escada de corda para o muro do quintal! Méra invenção, claro. Mas o Matos do govêrno civil também vira—porque via sempre tudo e jurava ser verdade por duas filhas que lá tinha em casa.

D. Leonor deu conta que Hipólito lhe passava repetidas vezes à porta, que se pespegava horas e horas no estabelecimento da esquina a olhar para as janelas. Estremeceu de angústia! Deu terminantes ordens à filha, que passou a habitar os aposentos interiores do prédio. O sr. Xavier tinha-lhe abertamente declarado, submetendo-se a tudo:

—Arranje a sr.^a cá e chame-me quando fôr preciso...

Era o momento!

Mas, sendo mulher, fraca, portanto, e irresoluta, quis estribar-se na opinião do médico, pessoa também da sua inteira confiança.

{103}

—A minha opinião? disse-lhe êle.—Mas alguém tem que dar para aí a sua opinião?

Ela encarou-o com espanto, sem compreender.

—Entendo que um casamento deve ser feito à vontade dos que se casam, explicou o médico.—Casam bem? casam mal? Lá é com êles...

—Perdão, interrompeu a viuva.—Eu, que sou a mãe, tenho naturalmente que intervir dalgum modo na orientação, ou na escolha...

—Conforme, minha sr.^a, conforme... Se se trata apenas de orientar, de dirigir a sua filha nêsse passo, está bem; mas propriamente a *escolha*, é a ela só que pertence. Os filhos não são—como muita gente pôde ainda erradamente presumir,—uma legítima propriedade dos pais... Os filhos são pessoas independentes, com direitos, com atribuições...

—De maneira que o doutor condena a minha atitude? Entende que eu devo desinteressar-me por completo do futuro da minha filha?...

{104}

—Por completo!? Mas quem pensa nisso? Por completo, não, evidentemente...

—Bonita doutrina, não haja duvida, murmurava D. Leonor sem o ouvir, fula, mordendo o beiço, batendo nervosamente com o leque no joelho, repetidas vezes.—«Casa-te, casa-te p'r'aí, rapariga, com o primeiro que te apareça...» Havíamos de vê-las bonitas, se assim fôsse!...

O médico desistiu de discutir.

—Bem! rematou, erguendo-se,—para terminar: quer V. Ex.^a um conselho, um conselho de amigo, de pessoa que conhece um bocado a vida e que tem levado muito ponta-pé e aprendido à sua custa o pouco que sabe? Quer?

D. Leonor não respondeu.

—Não obrigue sua filha a casar com semelhante homem.

—Ora essa! Com quem quer o doutor então que ela case?

—Sei lá! Mas naturalmente com quem ela quiser...

E pôs termo.

{105}

D. Leonor não desanimou. A manobra do casamento com o velho seguiu seus trâmites. Na cidade a indignação era geral. Para mais havia constado a scena da entrevista com o médico, as suas discordâncias, o ligeiro amuo subsequente...

—Víbora! víbora! dizia-se.—O dr. Marim bem a conhece...

E formulavam-se as piores insídias: que o ilustre Xavier era amante da D. Leonor e que impunha agora o casamento com a filha sob pena dum escândalo.

Havia quem gostasse disto, havia quem não gostasse; a maioria dizia:

—É bem feito! aquilo não se faz...

No cúmulo da revolta, Malafaia, em verdadeiros comícios nas lojas, lembrava que era preciso salvar aquela criança custasse o que custasse... E com teatral entono, instigava:

—É preciso ir lá (fazia o gesto de quem aponta uma Bastilha) arrombar as portas e pôr a infeliz no ôlho da rua!

A coisa estava neste pé.

{106}

Certo dia o dr. Marim recolhia a casa, cedo, para almoçar. A criada, uma velha servente encarquilhada e sêca como uma casca de noz, a coxear da sciática, disse-lhe, mal êle se poz a desdobrar o guardanapo:

—Então, já sabe? A menina Candidinha parece que já não casa com o sr. Xavier. Está desfeito.

O médico teve um gesto de mau humor irremovível:

—Lá esta você! Todos os dias novidades! Quando é que esta criatura se cansará de dar novidades?

E desatou a rilhar o bife sem vontade. A velha rodou sôbre os calcanhares, saiu da sala.

—Pois é tudo cheio cá na cidade, insisti quando voltou.—A menina julgo que sempre confessou...

—Confessou o quê, mulher?

—Olha o quê! O que já corria: que é amante do professor...

O médico ergueu-se de golpe, lívido, transfigurado, fazendo recuar até à porta a pobre velhota espavorida de o ver assim:

{107}

—Crédo! santo nome de Deus! mas que tem? murmurou, supondo que o médico fôra acometido de loucura.

—Você ouviu isso?

—Ouvi, sim senhor.

—A quem? Aonde? Diga.

—Por aí, diz-se em toda a parte; é tudo cheio...

Êle levou ambas as mãos ao crânio. Esteve assim, sem se mover, sem dizer palavra, por espaço de alguns minutos. Depois arremessou o guardanapo, empurrou a cadeira, pediu o chapéu e a bengala para sair—e saiu, deixando a mulher boquiaberta, sem perceber coisa nenhuma.

Quando, uma ou duas horas depois, subia as escadas da casa de Hipólito, o dr. Marim ia cabisbaixo, taciturno, como se uma grande dôr o tivesse trespassado mortalmente.

Estivera com D. Leonor que lhe confirmou entre recriminações e prantos a tremenda nova da desonra da filha. Fôra ela, a dissimulada, quem se denunciára—com um descaramento, uma serenidade, um cinismo, calcule o doutor, que deixava a perder de vista as maiores desavergonhadas da terra! E era sua filha! D. Leonor não sabia dizer como se contivera e porque a não estrangulára... Sua filha, tinha dito? Não! Maria Cândida morrerá! Essa que ainda ali conservava, a dentro do seu lar, por uns restos de comiseração, mas que nunca mais quereria ver, não era sua filha: era uma mulher perdida! {108}

E o sr. Xavier? Ah! êsse então, coitado, tinha ficado como morto. Compreende-se... Porque Maria Cândida levára a sua audácia até ao ponto de dizer tudo diante dêle, diante das criadas e dos convidados,—era um sábado—alto e bom som, para que não se perdesse pitada: «A mãe queria casa-lá com o Xavier das massas, por dinheiro; pois bem, ela afirmava ali terminantemente que não casaria: primeiro, porque o detestava; segundo, porque tinha um amante, o professor!»

—Veja o meu amigo, agora, o que foi fazer! comentou o dr. Marim, voltando-se para Hipólito, a quem acabava de expor a situação com esta nitidez.—Que cabeça a sua! Que responsabilidades! {109}

Hipólito sorriu ligeiramente, murmurou:

—Até que ponto nos podem levar os desvarios do amor, doutor, não é assim?

—É assim mesmo, concordou o médico.—Mas um homem nunca tem nada a perder com estas coisas; agora uma repariga!...

—Perde tudo.

—Sim, tudo!

Houve um silêncio.

—O sr. não andou bem, Hipólito, confesse, não andou bem...

—Eu?...

—É claro.

—Na sua opinião, pelo menos, doutor... Já me cheguei a convencer de que sou rialmente um canalha... pois que como tal procedo...

—Leviandades, leviandades...—atenuou o médico.—Eu habituei-me a ver em Maria Cândida uma espécie de filha, desde muito nova. Não admira. Tive-a nos braços quando nasceu, pequenina, vi-a depois medrar, crescer, fazer-se mulher à minha vista—afeiçoei-me. Que quer? Emfim...—limpou uma lágrima que lhe rolou ao comprido da face—coisas da vida! {110}

Depois, apreensivo:

—O sr. o que pensa fazer agora?...

Hipólito ficou sem responder, um bocado, com o espírito absorvido num pensamento cruel e longínquo, que o fazia empalidecer.

—Vou confiar-lhe um segredo, disse, por fim, numa resolução firme.—Devo-lhe muitas atenções e custar-me-ia sinceramente que o doutor ficasse formando de mim um conceito menos lisongeiro...

—Fale, meu amigo, fale, disse o médico ancioso por o ouvir.—Prestar-lhe-ei, creia, toda a atenção. Fale...

Hipólito hesitou; aprumou-se, procurando dar às suas palavras um tom solene, de grande sinceridade.

—Maria Cândida não está culpada; Maria Cândida não é, nem nunca foi minha amante! {111}

—Que me diz?!

—A verdade! Maria Cândida é tão virtuosa, hoje, tão pura e imaculada como na hora em que pela primeira vez a encontrei. Não me acredita? Juro-lhe.

O médico fitou-o, desconfiado, surpreso.

—Conhece esta letra? disse Hipólito.

E colocou-lhe diante dos olhos um papel cuidadosamente retirado da carteira.

—Conheço. É a letra de Maria Cândida.

—Pois é. Leia!

O médico obedeceu. E quando terminou, os olhos arrasados de lágrimas, deixou-se cair sobre uma cadeira, p'ra ali, varado de espanto.

—É assombroso!

Hipólito arrancou-lhe das mãos, trémulas pela comoção, a carta, cujo final releu em voz alta: «... Pois bem. Afirmarei, ou darei a perceber a todo o mundo que sou tua amante; dêste modo nenhum outro homem me quererá...»

—É assombroso! repetia o médico estonteado.—E é uma criança! é uma criança que faz disto!...

{112}

Emquanto Hipólito, a chorar, concluía:

«Se me desmentes... mato-me. E tu bem sabes—sim, tu bem sabes!—como eu sou capaz de cumprir fielmente o que prometo...»

{113}

Eureka!

{114}

{115}

Eureka!

"—Je vous demande pardon: vous êtes bien monsieur Boubouroche?"

COURTELINE.

ACTO I

No escritório dum advogado.

O CLIENTE

CHAMO-ME Teodorico da Silva, negociante, com estabelecimento de bebidas...

O ADVOGADO

Sim senhor. Faz o obséquo de sentar-se.

O CLIENTE

O meu caso é simples, conta-se em breves palavras. Sou casado, e minha mulher... minha mulher engana-me, descaradamente, com o primeiro caixeiro da casa.

{116}

O ADVOGADO

É então uma acção de divorcio que o senhor deseja intentar?...

O CLIENTE, *presuroso*:

Perdão... Eu ainda não disse a V. Ex.^a o que desejo. (*Pausa*). Eu me explico: Sou um homem honrado, nunca roubei nada a ninguém, mas sou também um temperamento desgraçado, um sentimental, um fraco. Não posso, por exemplo, ver sangue. Para lhe falar com franqueza, nunca na minha vida—e já tenho cinquenta anos—peguei numa arma! Isto tudo vem para lhe explicar o motivo porque não matei minha mulher ontem à noite quando entrei em casa e a vi com *êle*, em doce colóquio amoroso, mais que amoroso! sobre um canapé de estimação...

O ADVOGADO, *interessado*:

Sim senhor.

O CLIENTE

Ora porque sou um homem honrado, respeitador das leis e dos costumes, preciso evidentemente dar uma satisfação ao mundo, que seja, ao mesmo tempo, uma satisfação à minha consciência. Posta de parte, pois, a ideia duma solução violenta, resta-me, claro, essa a que V. Ex.^a se referiu há pouco, isto é—o divorcio.

{117}

O ADVOGADO, *interessadíssimo*:

Sim senhor...

O CLIENTE

Mas o senhor não sabe—porque não é casado—o que são vinte e tantos anos passados com uma mulher...

O ADVOGADO, *impressionado*:

Faço ideia...

O CLIENTE

Não. V. Ex.^a não póde fazer ideia. É tudo a prender-nos, sabe? É a companhia, as inclinações, o paladar... Emfim, em conclusão, o divorcio por coisa nenhuma deste mundo.

O ADVOGADO, *cofia a barba e medita apreensivamente no caso.*

{118}

O CLIENTE

Pensei então noutra coisa...

O ADVOGADO, *ancioso*:

Diga!

O CLIENTE

Pensei então em despedir o caixeiro. (*Sinal de aprovação do advogado*). Mas aqui outro grave obstáculo se levanta! O caixeiro é um antigo empregado da casa, muito conhecedor do assunto; é êle, póde dizer-se, a alma do negócio! Despedi-lo seria ver fugir a freguezia, ver ir tudo por água abaixo... sem apelação!

Ficam os dois calados. Ouve-se a respiração alta do cliente, como um estertor.

O ADVOGADO, *erguendo-se*:

Pois meu caro amigo, visto isso, não sei; não sei o que deva dizer-lhe... (*Estende-lhe a mão pesaroso*). O melhor de tudo é ter paciência: a paciência é uma virtude...

{119}

O CLIENTE, *desalentado*:

E o mundo? E então o mundo o que dirá? o que dirá?

O ADVOGADO

O mundo dirá que o meu amigo é uma excelente pessoa, que sua mulher foi uma ingrata em lhe fazer o que lhe fez...

O CLIENTE, *com uma lágrima a borbulhar ao canto do olho*:

E foi. Palavra de honra que foi.

Despede-se abatido.

ACTO II

Numa rua concorrida. Mês depois. Ao dobrar a esquina encontram-se o cliente e o advogado.

OS DOIS, *ao mesmo tempo*:

Oh!... oh!... Por aqui?

O CLIENTE

Ora ainda bem que o encontro.

{120}

O ADVOGADO

Muito folgo em o encontrar...

O CLIENTE, *com o ar alegre, o semblante desanuviado e risonho; sem rodeios*:

Sabe que achei uma saída admirável para aquilo?...

O ADVOGADO, *surprêso*:

Sim?

O CLIENTE

É verdade. Não matei minha mulher, não despedi o caixeiro, não me divorciei, não tive que ter paciência... e dei enfim uma satisfação ao mundo e a mim próprio.

O ADVOGADO, *abismado*:

Devéras?!

O CLIENTE

Devéras. Lembra-se de eu lhe ter contado como tudo se passou?

O ADVOGADO

Lembro.

{121}

O CLIENTE

Que os encontrei em cima dum canapé e tal?

O ADVOGADO

Lembro.

O CLIENTE

Pois bem: vendi o movel...

O ADVOGADO

O...?

O CLIENTE

Vendi o canapé!!

CÁI O PANO... DAS NUVENS

{122}

{123}

O crime...

{124}

{125}

O crime...

"C'est ainsi qu'une faute est irreparable."

J. PAYOT.

H ELENA fitou-o então nos olhos e inquiriu sem motivo:

—Estás zangado?

—Não. Porquê?

Insensivelmente voltaram ainda a falar do crime. Êle manifestou-se contra aquele processo bárbaro, violento, de fazer justiça. Todo o homem que um dia descobre que sua mulher o atraiçoa, tem um só caminho racional a seguir: abandoná-la.

Helena calou-se.

—Depois, tudo se sabe, tudo, filha!... murmurou êle, à laia de vaticínio.—De que serve andar a encobrir, um dia e outro, semanas e meses inteiros... se tudo se vem a saber afinal?

{126}

Fitou-a demoradamente nos olhos, como a querer avaliar o efeito das suas palavras. E porque a fitava êle assim? Porque começava a sentir êsse desejo forte, essa terrível necessidade de a observar, sondando os mínimos recantos da sua alma, onde pela primeira vez, desde que a conhecia, notava misteriosos e traiçoeiros abismos?...

Chamou-a brandamente, disse-lhe:

—Helena, que me ocultas tu? Tenho a impressão de que se passou aqui alguma coisa, na minha ausência, que desejas que eu ignore... Ah! não negues... leio-to nos olhos!

Ela baixou instintivamente a cabeça.

—Alguma coisa?!...—disse por fim, em voz pouco firme, esforçando-se por manifestar estranheza e não conseguindo senão comprometer-se ainda mais, aumentando aquelas desconfianças.

Êle tremia todo como varas verdes. Lançou mão da coragem que lhe restava, para lhe dizer com serenidade:

{127}

—Vamos, tu não me tens na conta dum imbecil, não é verdade? Deves ter presumido portanto que os factos aqui ocorridos, desde que cheguei, tenham despertado o meu reparo.

—Os factos?! Quais factos?!—dissimulou.

—Tudo; o que se está passando...

—Mas tu estás louco!... Eu é que devo estranhar-te. Nunca te vi assim desconfiado, acredita.

—Desconfiado! Mas não vês os teus modos, os teus gestos, as tuas palavras... o teu rosto! Anda cá...

Pegou-lhe numa das mãos e diante do espêlho da sala:

—Vê aí o teu rosto!

Ela esquivou-se, revoltada:

—Deixa-me! É de mais!

—Não te deixo, gritou exaltado, já sem se poder conter.—Vais-me dizer tudo, tudo. Nada de rodeios, de frases, apenas e cruamente a verdade: o que houve?

—O que houve!?!—exclamou aterrada.

—Sim, o que houve!

—Deixa-me! deixa-me!

{128}

Não pode mais. Agarrou-lhe nos pulsos, arrastou-a para defronte da luz, intimou-a em voz alta, imperativa, onde havia inflexões de súplica e latejava ao mesmo tempo uma angústia horrível:

—Fala! anda... diz-me tudo!

Os seus olhos faíscavam, tinham relâmpagos de cólera.

—Larga-me!—implorou Helena.—Não olhes para mim dessa maneira... Tenho medo!

—E porque tens tu medo de mim?!

Aquilo já não era uma altercação, uma scena de ciumes desagradável, uma simples desavença entre casados: era uma luta feroz, encarniçada, em que cada qual porfiava por levar o outro de vencida. Apertou-lhe as mãos com energia, de forma a fazê-la gritar:

—Não, Alberto, não! Tu não estás em ti, deixa-me! Olha que me magôas, deixa-me!

Mal a ouvia já. Os seus protestos, os seus rogos, as suas lágrimas, o desespero em que se debatia, mais o enfureciam: *quase* lhe davam provas do que se passára!... Mas o que se passára?

{129}

E baixinho, ao ouvido, como quem insinúa uma calúnia, disse-lhe tudo o que a sua mórbida fantasia architectára a êsse respeito, desde que a suspeita entrára no seu cérebro e aí gerára a mais tremenda acusação que podia pesar sôbre a honra duma mulher.

Ergueu-se alucinada. Tinha no rosto o aspecto apavorado, trágico, de pessoa que se vê agarrada pelas costas numa encrusilhada deserta. Deu um grito, abriu os braços e caiu num sofá a estrebuchar.

Alberto—nessa perfeita lassitude d'ânimo que succede sempre a uma grande catástrofe,—pôs-se a presenciar tudo, naquele momento, com uma tranquilidade estupenda! Sentia-se por assim dizer mergulhado num grande banho morno de indiferença e de tédio...

Helena, debelada a crise inicial, com a cabeça entre as mãos, chorava, arrepelava-se. E o marido sorria àquela dôr como se estivesse gosando as delícias dum drama de sensação em que sua mulher fôsse uma sublime artista e êle próprio, por desdobraimento, um actor de mérito, representando o papel de marido ciumento com a mais pura e meticulosa arte!

{130}

No fundo não aplaudia a peça, mas achava que os artistas iam bem...

Deu uns passos ao acaso e, maquinalmente, dirigiu-se para o quarto. Voltou, logo em seguida:

tinha envergado à pressa o sobretudo e trazia ainda na mão o chapéu e a bengala. Parecia-lhe ter ouvido gritar: «Bravo! Bravo!»; que uma multidão ruidosa de espectadores se levantava para sair da sala. Ouvia mesmo os comentários da ópera—porque era afinal uma ópera!—pessoas que passavam, suas conhecidas, que êle cumprimentava e lhe diziam:

—«Gostou?

—«Muito!»

Helena atravessou-se-lhe no caminho:

—Onde vais? Perdoa! Agora que te disse tudo porque é que me não perdoas?...

Só então deu acôrdo de si. Um assômo atávico de ferocidade o dominou. Viu tudo negro! Agarrou Helena pelo pescoço e chegou a apertar. {131}

—Mata-me! mata-me!—gritou ela.

Largou-a e fugiu. Desceu as escadas a correr. Helena tombára desmaiada sôbre o soalho. Quando se viu no páteo parou. Abriu a porta devagarinho e uma lufada do ar frio da noite entrou, e fez-lhe bem. Esteve uns instantes a respirar, a arquejar, até que lhe pareceu ouvir passos. Desceu então o último degrau e começou a caminhar ao longo da rua—sob a inclemência do vento e da chuva que caía. {132}
{133}

Casa maldita

(Tragédia rústica)

{134}

FIGURAS:

TÓNIO....}

MANOEL....} *irmãos.*

MARIA JOANA....}

FRANCISCO.... *noivo de Maria Joana.*

O MÉDICO.

Beira-Baixa, época actual.

{135}

Casa maldita^[1]

(Tragédia rústica)

Cozinha com lareira numa casa de quinta. Noite d'inverno. Vento e chuva desabridos.

FRANCISCO, *da porta, chamando:*

MARIA Joana!

MARIA JOANA, *que vem de dentro, do interior da casa, com uma candeia acêsa, voltando-se:*

Crêdo! Meteste-me um susto! (*Pendurando a candeia*). Entra! {136}

FRANCISCO, *entrando:*

O pai? está melhor?

MARIA JOANA, *abatida:*

Na mesma...

FRANCISCO

Na mesma?!

MARIA JOANA

Ou pior... sei lá! A outra noite já o nem julgávamos. Um febrão!

FRANCISCO

Basta que sim.

MARIA JOANA

Sempre a variar... a dizer tolices... (*sente-se, dentro, gemer*). Ouves? Lá está...

FRANCISCO

É verdade! Diacho, mas ontem parecia melhor...

{137}

MARIA JOANA

Sim, tem disso.—«Alembra-te» da minha mãe?

FRANCISCO

«Alembro».

MARIA JOANA

Não me saí da «'magação» que é o mesmo mal.

FRANCISCO

Ágora!

MARIA JOANA

Um dia melhor, outro pior, té que por fim... (*Comovida*) É o mesmo mal.

FRANCISCO

Ora!

MARIA JOANA

Verás. Já d'ali se não ergue.

FRANCISCO

Sabes lá bem...

{138}

MARIA JOANA

Diz-mo o coração. E olha que para adivinhar...

FRANCISCO, *depois dum silêncio:*

Porque não mandam vocês à cidade, chamar o médico?

MARIA JOANA

P'ra lá foi o Tónio à bocado. Não tardam aí.—Pois que horas são?

FRANCISCO

Oito. Déram agora...

MARIA JOANA, *calculando:*

É isso. Foi com de dia. Não tardam.

FRANCISCO, *depois dum novo silêncio:*

E que diz o mestre Lourenço?

MARIA JOANA

O barbeiro? Olha o que há-de dizer! Que já se não entende com o mal, é claro.

{139}

FRANCISCO

Sangrou-o?

MARIA JOANA

Sangrou.

FRANCISCO

E «óspois»?

MARIA JOANA

Cuidávamos que ficava. Fez-se muito branco, muito branco... os olhos a encovarem-se-lhe... (*Tápa o rosto com as mãos, horrorizada*). Se tu o visses!

FRANCISCO

Devia ter sido há mais tempo, talvez...

MARIA JOANA, *desiludida, encolhendo os ombros*:

Oh!

FRANCISCO

Há quantos dias adoeceu?

MARIA JOANA

Há treze.—É mau «númaro», não é?

{140}

FRANCISCO

Ora adeus! Fias-te nisso?

MARIA JOANA

Fio.

FRANCISCO, *levemente trocista*:

Esta bom.

MARIA JOANA

Quando a minha mãe morreu, um cão esteve a uivar aqui toda a santíssima noite...

FRANCISCO

Foi o acaso.

MARIA JOANA

A Tereza Bógas casou a filha a uma terça feira e dia treze...

FRANCISCO

Bem haja ela...

MARIA JOANA

Ao cabo dum ano o marido deu-lhe cinco facadas... e matou-a!

{141}

FRANCISCO

Milagre fôra se a deixásse com vida...

MARIA JOANA

Que mais queres?

FRANCISCO

Nada, co'os démos: estou «'stifeito». Tira-me essas manias da cabeça; dás em maluca.

MARIA JOANA

Se fôsse só isso!... E os palpites? Olha que tenho palpites tão certos, «Fracisco», tão certos! E sonhos?... Ha dois dias sonhei que antes do nosso casamento havia de se dar nesta casa uma

grande fatalidade...

FRANCISCO, *nervoso*:

Bem; se continúas, vou-me.

MARIA JOANA, *rindo*:

Oh! «home»! julguei que eras mais forte do que isso!...

{142}

FRANCISCO

Não é; não gósto...

MARIA JOANA

Bem, bonda, não te zangues...—És meu amigo?

FRANCISCO, *amuado*:

Não sei...

MARIA JOANA

És, bem vejo.

FRANCISCO

P'ra que mo «prècúras», nesse caso?...

O vento assobia nas frestas, sacode os troncos das árvores, ululando.

MARIA JOANA, *num pressentimento*:

E se eu morrêsse?... Casavas com outra?

FRANCISCO

Mau, mau, mau! bem digo eu... Faz favor de te calares, ou então...

{143}

MARIA JOANA

Esta dito. Eu hoje estou assim... Não é por mal.—Escuta!

Poem-se os dois a escutar.

FRANCISCO

Parece que vem gente...

MARIA JOANA

Ná. É o vento.

Abre-se a porta de repente, com um empurrão sêco, e MANOEL entra, embuçado; traz uma velha arma caçadeira que coloca a um canto. MARIA JOANA, assustada, expele um grito quando o vê. FRANCISCO ergue-se também assustado.

MANOEL, *sorrindo, semblante mal encarado de facinora*:

Meti-vos medo, p'los modos!?... Eu não sou o diabo, socegai!...

MARIA JOANA, *mal refeita ainda do susto*:

D'onde vens tu, «home», assim, a estas horas?

{144}

MANOEL

Que te importa? Mete-te lá com a tua vida! Ora o «estapor»! (*A Francisco*) Um cigarro!

FRANCISCO oferece-lhe um cigarro.

MANOEL

Olá! Êste é dos de cu aberto! Bravo, rapaz, estás um «fedalgo»!

FRANCISCO

Déram-mos.

MANOEL

Só a mim ninguém me dá raça de nada! Tudo me rouba. Aqui então, nesta casa... é tudo deles, —*dessa* e do outro...

MARIA JOANA

Intrujão! Não no acredites, Francisco, é um intrujão.

MANOEL, *crescendo para ela*:

Intrujão? E tu, minha porca? E tu que és?

{145}

FRANCISCO, *para o serenar*:

Olha o pai, que ouviu...

MANOEL

Quero cá saber do pai! Julgas que me consultaram agora para vir o médico? Bem te digo eu: isto é deles! Não vem cá por menos d'uma libra! Pois hão de êles pagá-la, se quiserem; nanja eu. (*Beija os dedos em cruz*). Juro!

MARIA JOANA

Ninguém to pede...

MANOEL

Uma libra! Nem que ma arrancassem com uma enxó, do peito...

FRANCISCO

Deixa lá! Vão-se os anéis mas fiquem os dedos. P'ra mais, livra-se uma pessoa de remorsos.

MANOEL

Livra!... Livra-se mas é do dinheiro. Eu cá digo: quem tem de morrer, morre. Todos hemos d'ir, paciência... É a obrigação.

{146}

MARIA JOANA

Eu dava a camisa do corpo por ver o pai com saúde.

FRANCISCO

Ouves?

MANOEL

O corpo dava ela por menos disso...

FRANCISCO

«Manel»!

MANOEL, *refilão*:

Que há de novo?

FRANCISCO

É tua irmã, bem vêes...

MANOEL

Parabéns. Olha a princesa!

MARIA JOANA

Desalmado! (*Ouve-se dentro a voz do pai a gemer*). Pai! pai! Aí vou!

Sai correndo.

{147}

FRANCISCO segue-a até a porta e fica a escutar. Pausa dalguns instantes. A chuva bate com força nas telhas.

FRANCISCO

Que noite!

MANOEL, *à lareira, põe-se a cantar*:

*Não sei que quer a «desgrácia»
Que atrás de mim corre tanto...*

FRANCISCO, *interrompendo-o:*

Parece mal, «home»; cala-te!

MANOEL

Pois sim...

*... Que atrás de mim corre tanto...
Hei de parar e mostrar-lhe
Que de vê-la não m'espanto...*

FRANCISCO

Até é pecado.

{148}

MANOEL

Pecado e êles fazerem-me o que me fazem.

FRANCISCO

Estás doido. Que é que te fazem?

MANOEL

Desde muito novo eu tenho sido aqui um engeitado. Minha mãe quase me não criou como filho. Vedou-me antes dos seis meses; nem os peitos me quis dar!...—Já lá está, a pagá-las!

FRANCISCO

Ora! Vá a gente a ouvir-te. Tu és um doido.

MANOEL

Sou?—Porque dizes isso?...

FRANCISCO

Porque tenho rasões.

MANOEL

Talvez. Eu odeio-vos a todos!

{149}

FRANCISCO

A mim tambem?

MANOEL

A ti. Queres-me roubar...

FRANCISCO, *pálido, recuando:*

Eu?!

Ouve-se fóra ruido de passos e vozes de gente que se aproxima.

MARIA JOANA, *de dentro, a gritar:*

Lá veem! lá veem! Abram a porta... (*vê Francisco arquejante, afogueado; pára diante dêle*).
Que foi?

TÓNIO, *de fora, ao mesmo tempo, chamando:*

Maria Joana! ó Maria!... Abram lá isso! Abram! (*Batem com força*).

*Francisco corre a abrir a porta. Há confusão, reboliço.—«Santo nome de Deus!» diz Maria Joana.
Entram o médico e Tónio.*

{150}

O MÉDICO

Ora até que emfim!... Boa noite!

VÓZES, *a um tempo:*

—Bôa noite.

—Viva!

—Passe vossa senhoria bem...

TÓNIO

Chegue-se vossa senhoria ao lume que deve vir gelado. O frio é muito.

O MÉDICO, *aquecendo-se*:

Aceito. Venho gelado.

Faz-se silêncio. O doente grita.

O MÉDICO

É o doente?

MARIA JOANA

Saberá vossa senhoria que sim. O que aquela alminha tem sofrido, santo nome de Deus! Se vossa senhoria o aliviasse daqueles tormentos, por amor da sua senhora e dos seus filhinhos, se os tem... {151}

MANOEL, *do lado, chasqueando*:

Êle não e casado, mulher!

O MÉDICO, *voltando-se, reparando em Manoel*:

Sou, sim senhor... Quem lhe disse a vocemecê que eu não sou casado?

MANOEL, no mesmo tom:

Digo eu...

O MÉDICO, *para Maria Joana*:

Quem é êste homem?

MARIA JOANA

É meu irmão (*segreda-lhe qualquer coisa ao ouvido*).

O MÉDICO

Bem.—Vamos ver o doente. (*Indicando uma porta*) É por ali? {152}

MARIA JOANA

Por ali; tenha a bondade... Vossa senhoria há de desculpar, é uma casa de «probes»...

Desaparecem os dois falando, no interior da casa. Fora ficam os tres homens: TÓNIO, o irmão e FRANCISCO. Nenhum deles diz palavra. Um cão põe-se a uivar, perto.

FRANCISCO, *nervoso*:

Olha o diabo do cão! É o vosso?

TÓNIO

É. Chama-o.

FRANCISCO, *vai á porta a assobiar-lhe*:

Eh! *Farrusco!* Quietos! Venha cá! Quietos!

O cão cala-se, mas d'aí a pouco põe-se a uivar outra vez.

FRANCISCO

Não há meio! Se fôsse meu dava-o, ou vendia-o... Punha-o com dono. *Farrusco!* (*assobia-lhe de novo*). {153}

MANOEL

Deixa lá o animal! que mal te faz o animal? Tambem com êle te metes? Aquilo foi desde que entrou o médico: cheirou-lhe a defunto...

TÓNIO

Bruto!

Os dois irmãos entreolham-se ferozmente. Passa entre êles uma labareda d'ódio. Depois, MANOEL põe-se a cantarolar.

TÓNIO, *a meia voz:*

Farçola! o que tu merecias...

MANOEL, *que ouviu bem:*

Tanto sopras no fole, que o fole um dia estoira...

TÓNIO

O quê? que dizes?

MANOEL

É cá comigo...

{154}

TÓNIO

Escuta. Quem paga ao médico sou eu, do meu bôlso, ouviste?

MANOEL

Bom proveito.

TÓNIO

As vinte moedas que ali estão (*indica um arcaz*) são da Maria Joana.

MANOEL, *erguendo-se, encandieirado:*

De quem?

TÓNIO, *enérgico:*

Da Maria Joana, já disse! O pai assim o quer. Cumpra-se a sua vontade, mando eu!

FRANCISCO, *intervindo:*

Tónio, bem vês... A Maria Joana há de vir a ser minha mulher. Eu não queria que por via disso... de dinheiro...

TÓNIO

Tá, tá, tá... não tens que «agarcer»; são dela. Eu é que mando aqui: sou o mais velho.

{155}

MANOEL

Juro que te arrependes, Tónio! Cego seja eu de gôta serena.

TÓNIO

Pois cego sejas tu.

FRANCISCO, *interpondo-se:*

Olhem o médico! Tenham juízo, ó menos...

O MÉDICO, *da porta, falando para dentro:*

Sim senhor, tudo se há de arranjar, esteja socegadinho... isso pássa (*entrando*). Pobre homem!

TÓNIO, *avançando para o médico:*

Está pronto, não é verdade? Já d'ali não «arrinca»... Morre?

O MÉDICO, *querendo animar:*

Vamos a ver; emquanto há vida...

{156}

FRANCISCO

Sim, emquanto há vida, Tónio, há esperança! Tem por dizer...

TÓNIO, *desiludido, ao médico, abanando a cabeça:*

Na. Póde vossa senhoria desabafar; eu cá sei o que vai haver esta noite... Adivinho!

FRANCISCO

Ó «home», que genio! que fraqueza! Não vês êste senhor a dizer-te que não. Êle é que sabe, que estudou...

TÓNIO

Pois sim. Estâmos sem pai, «Fracisco»!

MARIA JOANA, *que vinha entrando e que ouviu o irmão dizer aquilo:*

O quê! Morre? (*Pausa. Ninguém responde; dirige-se ao médico*). Morre? meu pai morre? (*o médico cala-se*) Não me respondem! não me dizem nada! (*levando as mãos á cabeça num desespero*) Ah, meu pai! Ah, meu pai! Que não tenho outro... {157}

FRANCISCO, *confortando-a:*

«Atão», Maria Joana, vem cá, vem cá. Olha que êle ouve.

MARIA JOANA

Deixa-me! Deixa-me!... Eu quero morrer tambem. Quero morrer, «Fracisco».

FRANCISCO

Nosso-Senhor ainda pode muito, cachopa!

TÓNIO, *ao médico que está preparado para, saír:*

Quanto ao trabalhinho de vossa senhoria, há de perdoar, nós lá iremos...

O MÉDICO

Descansem, quando puderem, não tenho pressa; arranjem cá a sua vida. Agora o que é preciso é ir embora... Faz-se tarde.

TÓNIO

Pronto! (*a Francisco*) Ó «Fracisco», tu agora vais aqui com o sr. «doitor», se te não custa, eu não posso... E trazes os remédios, pelas almas. É um favor. {158}

FRANCISCO

Vou e ponho-me aí num foguete, verás. Dentro de duas horas estou de volta.

MARIA JOANA, *num gemido:*

Leva a arma!

MANOEL, *que tem estado sempre calado até aqui:*

Leva-a, se a quiseres... Empresto-ta.

Todos se voltam, admirados da generosidade.

FRANCISCO

Não é preciso; levo antes esta (*mostra um marmeleiro ferrado*) é mais certa... Bem hajas!

Dão as boas noites. Sai êle e o médico. Uma lufada d'ar entra, quando se abre a porta, apagando a luz.—«Fechem a porta!» ouve-se dizer no escuro. A porta fecha-se com mão misteriosa... Tinha sido o vento. TÓNIO, dentro, ás apalpadelas, procura a candeia, que acende ao fogo duma acha, no lume da lareira, soprando-lhe para a atijar. A scena é lugubre. MARIA JOANA é uma rodilha, a um canto, a soluçar. {159}

TÓNIO

Vá, rapariga! Cobra ânimo! Estas um engrimanço, uma dama...

MARIA JOANA parece reanimar-se. Limpa as lágrimas ás pontas do lenço da cabeça. Vai ao vasal, tira uma tijela, e enche-a de água. MANOEL nem palavra: fuma.

TÓNIO

Para onde vai isso?

MARIA JOANA

É para o pai; não leva nada desde ontem... Pediu-me água, que dizes? (*Tónio encolhe os ombros*) Soube-lhe tão bem a outra... Tinha-me dito: «filha, dá-me de beber; tenho um fogo aqui dentro...». E eu dei-lhe de beber. Parece que aliviou. O médico disse-me que lhe dêsse o que êle

TÓNIO

Se êle o disse...

MANOEL, *de troça*:

Dá-lhe vinho, dá-lhe vinho...

TÓNIO, *furioso, agarra num banco e avança para o irmão*:Esmago-te como a um sapo, maldito, se te não calas! (*Os seus olhos chispam lume*).MANOEL, *erguendo-se*:Experimenta e verás o trôco... (*Diante dêle*): Sim! sim!MARIA JOANA, *suplicante, entre os dois*:

Tónio! «Manel»! Nosso-Senhor castiga-vos!... Por Deus! Ai, Jesus!

TÓNIO, *cedendo*:

O que te vale...

{161}

*Sentam-se ambos, calados, taciturnos, a distância. MARIA JOANA fita um momento o grupo. Respira profundamente, desolada. Entra depois no quarto do doente, cabisbaixa, cambaliante.**Grande silêncio!**Súbito, um grito, depois outro,—lancinantes, desesperados, dentro do quarto. Os dois irmãos levantam-se apavorados.*MARIA JOANA, *à porta, num paroxismo*:O pai! o pai!... Morto! (*volta como louca à cabeceira do cadaver*).*TÓNIO precipita-se também desvairado no quarto do pai, atrás da irmã. Continuam os gritos. MANOEL tem uns segundos de perplexidade, olha em redor, hesita, vai, corre para o arcaz; abre-o, mergulha o braço nervosamente no fundo; tira tudo,—roupas, farrapos, misérias, remeche,—procura, encontra emfim o que ambiciona: a bolsa com as vinte moedas!*TÓNIO, *que entra desgrenhado, percebe tudo, exclama*:

Ah, tratante! ah, ladrão!... Agora é que tu queres roubar a tua irmã!

{162}

*Atira-se a êle. Trava-se uma luta entre os dois, encarniçada: qual de baixo, qual de cima, com as garras, com os dentes—como dois liões!*MARIA JOANA, *sòzinha, brada, abrindo a porta, para a solidão dos campos ermos, na chuva e na ventania*:

Acudam! aqui d'el-rei!... Acudam!

*Ninguém! Tudo se passa como num deserto, a milhões de léguas da outra gente, no isolamento daquela casa maldita! MANOEL, rôto, alucinado, escorrendo sangue, consegue erguer-se do chão, aonde por duas vezes o prostrára o pulso férreo de TÓNIO; apanha emfim a espingarda e alveja-o.*MARIA JOANA, *interpondo-se, num salto ágil*:

Ai, que te desgraças! ai que te desgraças, «Manel»!

MANOEL

Larguêza! larguêza senão arrebeno-te também...

Ela resiste, debate-se, diante da arma. Esta, num repelão, dispára-se, indo a carga alojar-se no peito da rapariga.

{163}

TÓNIO, *vendo a irmã caída num lago de sangue*:

Mataste-a!

MANOEL, *poisando a espingarda e com um sorriso cínico*:

Matei?... Pois tira-lhe a pele, que é d'estimação...

Recomeçam a luta.

{164}

[1] O autor não quis nesta novela, a que deu indiferentemente a forma dialogada, tentar um género de literatura dramática como êsse

O pai da criança

(Conto carnavalesco)

{166}

O pai da criança

{167}

(Canto carnavalesco)

Ê STE padre Borregana, cónego da Sé, tem uma história.

Toda a gente tem uma história, é claro; mas a do padre Borregana é uma história singular, digna de contar-se e de ser ouvida.

Padre Borregana nasceu padre como outros nascem militares, ou poetas, ou oradores, ou assim... Nasceu padre. Desde muito novo revelou uma grande *queda* para aquele mister. Compleição debil, espírito supersticioso e timorato, era êle quem acendia as velas do altar-mór nos dias de missa cantada; quem ajudava a dobrar o sino dos entêrros; quem levava a caldeirinha e o hissope entoando o *Bemdito* com o Senhor; quem dizia *ora pro nobis* atrás do pátio nas procissões; quem informava as beatas dos ataques hemorroidários do sr. arcebispo no tempo do arroz de tomate...

{168}

—Podia ter nascido corcunda, podia ter nascido zanaga, dizia o pai, a justificá-lo; ninguém se faz...

E não.

Velhos condiscipulos dêle no liceu e depois no seminário, ainda hoje diziam que o padre Borregana fôra a mais decidida vocação que tinham conhecido para o sacerdócio—para a castidade sobretudo,—o que aos seus olhos de peccadores inconfessáveis o tornára particularmente famoso, votado sem esforço ao sacrificio duma existência de renúncia, frouxo de vontade como era, e então com um apelido que lhe assentava como uma luva...

Quando,—já depois de ordenado—desceu o estribo do comboio na estação do Rocio, uma tarde, padre Borregana ficou atarantado, hesitante, como uma criança que perde a ama, no meio da barafunda, do vozear confuso da multidão que se acotovelava a saír da *gare*.

{169}

—Ó padre Borregana! ó padre Borregana!...

Voltou-se. Quem o chamava? Que lhe queriam?... Diante dêle um sujeito alto, encorpado, abria-lhe uns grandes braços, oferecia-lhe o peito largo para o receber. Padre Borregana trepidou.

—Não me reconheces, homem? Sou eu!... Olha bem p'ra mim: o Ataíde!

O Ataíde! Quem havia dizer! Com aquelas barbas, aquele todo distinto, aquele ar de pessoa importante e abastada!...

—Tu! Pois tu!...—murmurou o padre.

E abraçaram-se enternecidamente.

Emquanto iam saíndo da estação, o outro explicava-lhe: tinha subido, tinha trepado, formára-se... arranjára um casamento rico e uma boa colocação...

—Sim?!

—É verdade.

{170}

Padre Borregana estacou, admirado.

—Mas ouve cá, disse, como demónio conseguiste tudo isso? Tu, demais a mais,—desculpa que te diga—mas nem eras dos mais atilados...

O outro sorriu, superiormente:

—Dos mais atilados! Pobre rapaz! Consegui isto como se consegue tudo na vida... como se consegue ser homem, ser gente, ser alguém neste mundo: á custa de muito ponta-pé!...

E separaram-se.

Mais adiante, Borregana, que caminhava apreensivo, scismático, no encalço do moço de fretes, em demanda dum albergue pacato, sentiu a ponta dum bengala tocar-lhe discretamente no ombro:

—Psst!... Borregana!

Voltou-se de novo, e deu de cara com outro velho conhecimento, a quem a sua presença inesperada causou igualmente grande surpresa e alegria. Repetiu-se, *mutatis mutandis*, a mesma scena: também êste trepára, também êste vencera, também tinha uma linda posição... {171}

—É boa! E tudo isso...—balbuciou.

—Á custa de muito ponta-pé!

—!!

Ao desandar da rua do Carmo para o Chiado maior espanto o aguardava. Desta vez o velho amigo era um ministro—e ministro da Justiça!—que lhe abriu os braços como os outros (o que fez juntar gente...) e como os outros lhe confessou que tinha subido, trepado—á custa de muito ponta-pé!...

Dias passaram. Padre Borregana regressou a penates. Um domingo, logo depois da missa, chamando de parte o sacristão, lial companheiro e confidente, segredou-lhe:

—Cristóvam! vais-me aqui prestar hoje um grande serviço...

O sacristão, um diab'alma alentado e grosso, bruto como umas casas, muito respeitador das qualidades e ornamentos do cura, murmurou, comovido e modesto: {172}

—Um serviço? Oh! sr. prior!... Queira vossa reverendissima ordenar... Cá por mim só se não pudér...

—Um grande serviço, Cristóvam, um grande serviço...

Botou uma olhadela á igreja, outra ao S. Jerónimo do altar, outra a bandeira das almas, e erguendo por fim as abas da batina ensebada, revirou-lhe o nédio cêsso, exclamando:

—Férras-me aí um ponta-pé!...

—Quem, eu?

—Já disse, Cristóvam: um ponta-pé.

O sacristão presumiu-o doido. Hesitou, mas por último, vendo o ar decidido do presbítero, para o não irritar, fez-lhe a vontade, encostando-lhe a biqueira ferrada ao hemisfério sul, devagarinho...

—Força, homem! isso não é nada, suplicou o padre, cuja estranha flagelação parecia dever enchê-lo de infinito gôso—isso não é nada!

—Ó sr. prior, mas eu...—tartamudiu o Cristóvam, condoído. {173}

E o padre Borregana, num palpite, de mãos postas:

—Depressa! depressa!... Pelas cinco chagas! pelas cinco chagas, Cristóvam!

—Êle é isso?, rosou o sacristão com os seus botões; e desprezando escrúpulos, atirou-lhe um coice, com tal violência, que o fez baquear e gemer:

—Ui!

—Ah, já?...—e atirou-lhe segundo.

Nisto um matraquear de tamancos no lagedo da igreja.

—Quem é? quem vem aí?, bradou o padre aflito, cheio de dôres, estorcendo-se.

—É para o sr. prior, esta carta...

—Para mim?!

Era um telegrama.

O prior precipitou-se, rasgou todo trémulo a obreia do sobrescrito: «Por ordem de S. Ex.^a...» (turvou-se-lhe a vista)... «nomeado cónego.»

Caiu sôbre um banco que para ali estava a um canto, aniquilado, morto de comoção. Quando despertou daquela espécie de síncope o prior estava triste... Em volta houve um alarido, um espanto, mal constou o milagre... Porque fôra um milagre! Tudo quis ver e visitar o sr. padre Borregana, feito cónego—a ponta-pé. Não recebia? Porquê?... Talvez dorido, coitadinho, talvez de ferido no poisadoiro com a brutalidade da operação. E invectivava-se o Cristóvam—bruto! verdugo!—que se desculpava, dizendo:

{174}

—Pois sim, pois sim, mas se não fôsse eu...

Tinha rasão.

A roda das beatas da terra toda se desfazia em favores e conselhos de arnica, de unto de cobra e semi-cúpios de malvas, para aliviar as dores e a tristeza do prior, cujos nadegueiros—já agora uns nadegueiros de cónego—entumesciam e grelavam...

Dizia-lhe a criada:

—Parece que ficou a modos triste, sr. cónego?...

—E fiquei, pudéra, se não tenho de quê, cachopa!—queixava-se.

—De quê?! Hom'essa! Depois duma nova assim!...

{175}

—Depois duma nova assim; admiras-te? Com dois ponta-pés arranjei a ser cónego, mas se aquele alarve se não demora e me préga logo uma dúzia deles, quando eu dizia, estava a estas horas bispo! Bispo, imagina!... Se não hei-de estar aborrecido...

O milagre não obstante ficou de pé, íntegro, documental, palpável, a atestar o dedo da Providência na ferradura do Cristóvam. A religião, vigilante, viu logo na pessoa do padre virtudes canónisáveis...

Apenas o Sequeira, funcionário de finanças, livre pensador e ateu—um doido!—zombava, fazia menos daquilo, afirmando em toda a parte que o padre Borregana tinha tido um cónego pelo traseiro, e que o pai da criança era o sacristão!

{176}

{177}

Índice

{178}

Índice

{179}

Aquela família	5
A bôca do sapo	17
Sr. Anselmo (Perfil grotesco dum provinciano ilustre)—(1906)—I	37
Sr. Anselmo (Perfil grotesco dum provinciano ilustre)—(1912)—II	85
Candidinha Cerdeira (Novela romantica)	89
Eureka!	113
O crime	123
Casa maldita (Tragedia rústica)	133
O pai da criança (Conto carnavalesco)	165

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK AQUELA FAMÍLIA: TIPOS, CARICATURAS E EPISÓDIOS PROVINCIANOS ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and

distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the

copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than "Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain "Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE

TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these

requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.